

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – CIÊNCIAS DA NATUREZA

CLEDIANA AMARAL MATZEMBACKER

MOVIMENTO NEO-RURAL EM ROLANTE/RS:
NOVOS ATORES, RESGATE E TROCA DE SABERES

Tramandaí/RS

2019

CLEDIANA AMARAL MATZEMBACKER

MOVIMENTO NEO-RURAL EM ROLANTE/RS:
NOVOS ATORES, RESGATE E TROCA DE SABERES.

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção de título de Licenciado em Educação do Campo - Ciências da Natureza, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, RS.
Orientadora: Dr^a. Jaqueline Mallmann Haas.

Tramandaí,
2019

Matzemberger, Clediana Amaral
Movimento Neo-rural em Rolante/RS: Novos atores,
resgate e troca de saberes. / Clediana Amaral
Matzemberger. -- 2019.
61 f.
Orientador: Jaqueline Mallmann Haas.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Educação do Campo,
Tramandaí, BR-RS, 2019.

1. Movimento neo-rural. 2. migração urbano-rural.
3. rural. 4. novas ruralidades. I. Haas, Jaqueline
Mallmann, orient. II. Título.

CLEDIANA AMARAL MATZEMBACKER

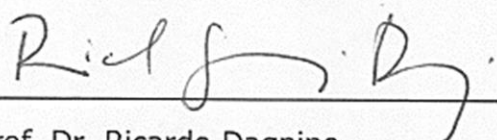
MOVIMENTO NEO-RURAL EM ROLANTE/RS:
NOVOS ATORES, RESGATE E TROCA DE SABERES

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção de título de Licenciado em Educação do Campo - Ciências da Natureza, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, RS.

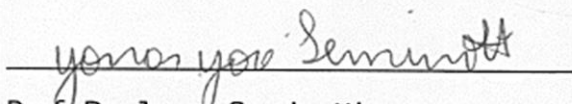
Orientadora: Prof. Dr^a. Jaqueline Mallmann Haas.

Data de aprovação: 02-07-2019

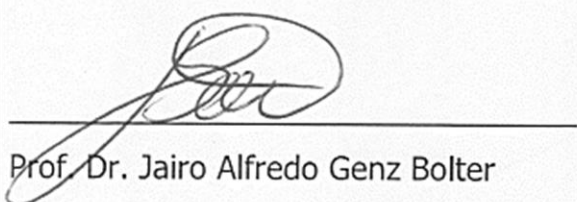
Banca examinadora



Prof. Dr. Ricardo Dagnino



Prof. Dr. Jonas Seminotti



Prof. Dr. Jairo Alfredo Genz Bolter

À memória de Arinda Oliveira Cardoso,
campesina, agricultora, costureira, benzedeira,
artista e poetiza. Mulher à frente do seu tempo!

“[...]Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido. Não queria viver o que não era vida, tão caro é viver [...]” - Henry David Thoreau, (1817-1862)
- THOREAU, 2014, pg. 95.

RESUMO

O território rural tem assistido o surgimento de novas realidades, novas formas de ocupação e uso do solo que marcam uma transformação física, social, ambiental e cultural. Em contraste ao êxodo rural, muito discutido e salientado nas últimas décadas, surge como resposta uma migração contrária, pessoas das áreas urbanas, se dirigindo ao campo, o chamado povoamento neo-rural. Associada, na maioria das vezes, a uma busca por melhor qualidade de vida, aproximação da natureza, regeneração e desenvolvimento dos espaços rurais. Frente a essa nova realidade, o presente estudo buscou identificar essas novas formas de ruralidades em uma localidade no município de Rolante/RS. Através de uma análise qualitativa, realizou-se um estudo de caso, visitando cinco propriedades, onde foram entrevistadas 10 pessoas que fazem parte desse movimento neo-rural. Dentre os resultados, foi possível observar uma tendência de migração ao ambiente rural, geralmente associada a ideias inovadoras e ecológicas, acarretando um processo benéfico para o desenvolvimento rural do município, especialmente de cunho ambiental. Os dados apontam ainda para a potencialidade da construção no meio rural de uma nova identidade, oferecendo dinâmicas que permitem um crescimento com um viés mais ecológico, visando a sustentabilidade, a conservação dos ecossistemas e saúde, tanto das pessoas como da natureza.

Palavras-chave: Movimento neo-rural, migração urbano-rural, rural, novas ruralidades.

Resumen

El territorio rural ha asistido al surgimiento de nuevas realidades, nuevas formas de ocupación y uso del suelo que marcan una transformación física, social, ambiental y cultural. En contraste al éxodo rural, muy discutido y resaltado en las últimas décadas, una contra migración surge como respuesta, personas de las áreas urbanas, regresando al campo, llamado poblamiento neo-rural. Generalmente asociada a una búsqueda por mejor calidad de vida, aproximación de la naturaleza, regeneración y desarrollo de los espacios rurales. Frente a esta nueva realidad, el presente estudio buscó identificar esas nuevas formas de ruralidades en una localidad en la ciudad de Rolante/RS. A través de un análisis cualitativo se realizó un estudio de caso, con visitas a cinco propiedades, donde fueron entrevistadas 10 personas que forman parte de este movimiento neo-rural. Entre los resultados, fue posible observar una tendencia de migración al ambiente rural, generalmente asociada a ideas innovadoras y ecológicas, esto puede acarrear un proceso benéfico para el desarrollo rural del municipio. Es posible que se esté desarrollando en el medio rural una nueva identidad que ofrezca dinámicas que permitan un crecimiento con un sesgo más ecológico, visando la sostenibilidad, la conservación de los ecosistemas y la salud tanto de las personas como de la naturaleza.

Palabras clave: Movimiento neo-rural, migración urbano-rural, rural, nuevas ruralidades.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Perfil Geral das Propriedades.....	44
Tabela 02 – Perfil Geral dos Entrevistados.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONAM	Confederação Nacional de Associação de Moradores
CMP	Central de Movimentos Populares
DEL	Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico Local
Emater	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EIV	Estágio Interdisciplinar de Vivência
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFRS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
NEAPO	Núcleo de Estudos Agroecológicos e Produção Orgânica
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MLPM	Movimento de Luta pela Moradia
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MMC	Movimento das Mulheres Camponesas
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
ONG	Organização Não Governamental
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
Pronaf	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
RL	Reserva Legal
SAF	Sistema Agroflorestal
SC	Santa Catarina
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1 Êxodo rural e seus reflexos	17
2.2 A (re)significação do rural	19
2.3 As Novas Ruralidades.....	20
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
3.1 Área de Estudo.....	26
3.2 População e Amostra	26
3.3 Levantamento de Dados	27
3.4 Análise dos dados.....	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
4.1 A Comunidade Neo-rural de Rolante.	29
4.1.1 Sítio I.....	29
4.1.2 Sítio II	31
4.1.3 Sítio III	34
4.1.4 Sítio IV.....	36
4.1.5 Sítio V.....	40
4.2 Principais características.....	43
4.3 Vantagens e desafios da vida no campo.....	47
4.4 A busca pelos Conhecimentos e Saberes.....	49
4.5 Sobre as relações sociais e a construção de um novo rural.....	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6 REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE 01	61

1 INTRODUÇÃO

O território rural tem sido cenário de profundas transformações, não apenas na paisagem, na área ambiental, como nos campos social, cultural e econômico. É crescente a atenção dada a essas mudanças, visto que existem várias preocupações, principalmente em relação à sustentabilidade, e às futuras gerações, tanto no que tange ao espaço “ecologicamente equilibrado”¹, como na segurança alimentar e saúde das pessoas. Dessa forma está ocorrendo também uma mudança nos valores e significados e, como o território rural tem sido considerado um ambiente histórico e dinâmico, ressurge o reconhecimento do campo como gerador de alimento, saúde, entre outros recursos básicos da humanidade (COELHO-DE-SOUZA, 2011; CARNEIRO, 2008).

As dinâmicas populacionais de migração contribuem para mudanças na paisagem, na economia, nas relações sociais e culturais. Por muito tempo se tornaram comuns e cíclicas as migrações do campo para as cidades. No Brasil, o êxodo rural se acentua a partir da década de 1960 com a chamada Revolução Verde². A mecanização da agricultura, o aporte de insumos, agrotóxicos e a produção em extensas áreas de monocultura, houve a desvalorização do trabalho e conhecimento dos pequenos agricultores e acabou agindo como uma força “expulsionista”, aumentando ainda mais as migrações para os grandes centros urbanos (CONTI, 2012; RIBEMBOIM & MOREIRA, 2008).

No entanto, pesquisas recentes têm apontado para um aumento de migração no sentido inverso, mostrando pessoas, geralmente de origem urbana, buscando os ambientes rurais para residir. Estes grupos são compostos, na maioria das vezes, por pessoas desiludidas com a vida nas grandes cidades e preocupadas com a sustentabilidade, qualidade de vida, e principalmente da alimentação, os chamados de neo-rurais.

¹ Constituição Federal de 1988. Art. 225, do Capítulo VI (Do Meio Ambiente) que garante às pessoas a preservação ambiental como um direito. BRASIL (1988).

² Revolução verde foi o termo utilizado para designar um movimento que teve início na década de 1950, onde incentivava-se a introdução de diversas técnicas modernas na agricultura, entre elas o uso de agrotóxicos, adubos químicos altamente solúveis e maquinário pesado MEIRELLES, (2018).

Em muitos estudos está sendo observada, por exemplo, uma recuperação dos ambientes e mudança na produtividade dos solos com a chegada desses novos habitantes, que se mostraram, na maioria dos casos, bastante preocupados e engajados com as questões ambientais. Através de técnicas mais ecológicas provenientes da Permacultura³, da agricultura orgânica familiar e da Agroecologia⁴, tem se observado uma revitalização dos territórios rurais (LEAL, 2014; KARAM, 2004). Juntamente com a chegada destes novos atores, emergem também novas formas de relações sociais, ambientais, culturais e econômicas nesses espaços (CARNEIRO, 2008).

Para melhor compreensão de tal realidade, o trabalho de pesquisa que resultou na presente monografia teve início em 2016, quando ao iniciar um projeto de pesquisa, a pesquisadora teve contato pela primeira vez, com o conceito de neo-ruralidade, ao conhecer algumas pessoas que se autodeclaravam neo-rurais. Logo após, o aparecimento de novas situações de neo-ruralidades tornaram-se mais evidentes, tornando-se pertinente o aumento de pesquisas nesta temática. Naquele mesmo ano, entrevistou-se pessoas moradoras de três sítios nos municípios de Rolante e Riozinho, no Estado do Rio Grande do Sul (RS), para a construção de um trabalho acadêmico.

Desde então, foi-se conhecendo um número cada vez maior de sujeitos neo-rurais e, ao mesmo tempo, aproximando-se e testemunhando diversas situações de neo-ruralidades. No início do ano de 2017, ocorreu um mutirão para construção de um telhado vivo na edificação de um dos sítios que serão apresentados no presente trabalho. Neste dia, vários neo-rurais se conheceram e também futuros pretensos, juntamente com pessoas da comunidade e até de fora do município de Rolante.

³ Permacultura – criado por Bill Mollison e David Holmgren na década de 1970 - “sistema integrado em evolução, de espécies animais e vegetais perenes ou autoperpetuadoras úteis ao homem” em outras palavras trata-se de um modelo que abriga diversas técnicas, “ideias, habilidades, modos de vida que precisam ser descobertos e desenvolvidos” para que possamos estar cada vez mais próximos de um futuro sustentável (HOLMGREN, 2013, p. 33).

⁴ Agroecologia – Termo proposto por ecologistas nos anos 30 para definir estudos e conhecimentos de processos ecológicos aplicados na agricultura. (GLIESSMANN, 2008, p. 57). Nas palavras de Altieri, a Agroecologia é definida como a aplicação de conceitos e princípios ecológicos para desenhar agroecossistemas sustentáveis. (ALTIERI, 2012, p. 104). Também conhecida como Agricultura Ecológica. (MEIRELES, 2018).

Logo em seguida a este evento, formou-se uma rede com todos que tinham interesse em temas ligados a Agroecologia, bioconstrução⁵ e Permacultura, para fomentar a troca de saberes e ações de ajuda mútua, que foi denominada Rede La Negra. Entre as ações desta rede, se sobressaíram as práticas de mutirões onde, pelo menos uma vez por mês, os integrantes eram convidados a se reunirem em alguma das propriedades integrantes para a realização de atividades diversas, normalmente relacionadas ao plantio, roçadas, podas, bioconstrução e manejos agroflorestais. Ao término do período de um ano, a Rede La Negra contava com cerca de onze propriedades participantes, cada uma com três a cinco moradores, distribuídas entre os municípios de Riozinho, Rolante e Taquara, além de pessoas da comunidade e de outros municípios que eram convidadas a participar. Destaca-se que as ações da Rede La Negra, posteriormente, deram origem a outros grupos de trabalho com enfoques mais específicos.

Em 2017, com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Rolante (IFRS – Rolante), foi criado o Núcleo de Estudos Agroecológicos e Produção Orgânica (NEAPO), visando à promoção de um conjunto de ações articuladas aos processos produtivos, educacionais, socioambientais e econômicos. Desde então, o NEAPO vem desenvolvendo estratégias e métodos para a transição agroecológica, a gestão democrática, a valorização dos saberes tradicionais e a geração de tecnologias que ampliem a renda de empreendimentos cooperativos e de economia solidária. As ações de extensão do NEAPO tem como parte do seu público alvo muitos neo-rurais, juntamente com outros produtores e consumidores.

Todo este movimento propiciou, entre outras coisas, a viabilização de um curso de formação em agricultura ecológica com carga horária de trinta e duas horas (32hr.),

⁵Bioconstrução – Técnicas de construções, baseadas em conhecimentos ecológicos e responsabilidade ambiental, cuidadosamente planejadas. Geralmente utilizando ao máximo os recursos locais, de forma mais econômica, e buscando a sustentabilidade através do aproveitamento energético. (MOLLISON, 1998)

desenvolvido pelo NEAPO-IFRS-Rolante em parceria com o Professor Laércio Meirelles⁶ e a organização não governamental (ONG) Centro Ecológico⁷.

Também em 2018, a Prefeitura Municipal de Rolante, juntamente com o IFRS – Rolante, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rolante e Riozinho (STR), através do Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico Local (DEL-Rolante), em parceria com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-RS), foi realizada a primeira e única até o momento, edição do Projeto Propriedade Sustentável (ROLANTE, 2019). Entre os objetivos gerais deste projeto, estava a reorganização e planejamento das propriedades, oportunizando assistência técnica rural para melhoria dos processos produtivos, desenvolvendo atividades para a sustentabilidade e produção com base agroecológica e a ampliação de modelos de organização coletiva e de novos negócios. Ambas as ações acima citadas, fomentaram a criação e o manutenção de espaços de diálogo e aprofundamento de saberes agroecológicos.

Após perceberem os interesses em comum surgiu a necessidade de se organizarem para discutirem suas demandas, decidiram por criar o Grupo de Agricultores e Consumidores do Vale do Rio Rolante – Jaracatiá (Jaracatiá), um grupo autônomo. O objetivo do Jaracatiá é reunir agricultores e consumidores a fim de trocar experiências, organizar canais de comercialização, processos de transição agroecológica e de certificação dos produtos orgânicos. Faz mais de um ano que o grupo se organiza e comercializa seus produtos em uma feira semanal, no início acontecia no IFRS/Rolante, depois migrou para o centro do município.

O presente trabalho de pesquisa é um estudo de caso com cinco diferentes propriedades no interior do município de Rolante, RS. Buscou-se investigar as principais características destes novos atores, elencar informações sobre suas áreas e os saberes envolvidos nas diferentes técnicas de manejo utilizadas em cada propriedade. Procura-se que com as informações reunidas neste estudo, elucidar

⁶ Professor Laércio Meirelles – Natural de Niterói, RJ. Agrônomo pela Universidade Federal de Viçosa, Mudou-se para o Rio Grande do Sul em 1988, onde desde então trabalha com Agricultura Ecológica, foi um dos Fundadores do Centro Ecológico, sendo atualmente uma importante referência em Agroecologia.

⁷ Centro Ecológico - O Centro Ecológico é uma organização não governamental que, desde 1985, trabalha com o objetivo de viabilizar a adoção de tecnologias alternativas na produção agrícola, orientadas pela filosofia da preservação ambiental e da justiça social.

melhor algumas questões sobre o fenômeno da neo-ruralidade no município de Rolante.

O município de Rolante faz parte do Vale do Rio Paranhana, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, e desde 2010 é parte da Região Metropolitana de Porto Alegre, situando-se a cerca de 90 quilômetros da capital do Estado. Tem uma população estimada de 21.199 mil habitantes, formada basicamente por descendentes de imigrantes luso, teuto e ítalo-brasileiros (IBGE, 2019). Seu território integra a região da Encosta da Serra Geral e é marcado por uma natureza exuberante, sendo que o município apresenta vários atrativos turísticos como o Pico do Morro Grande, com 841 metros de altitude frequentado por praticantes do voo livre e turistas. Destacam-se também as cascatas das Andorinhas, da Colônia Monge, das Campinas e das Três Quedas, além de trilhas ecológicas e de ciclismo entre o relevo característico e a vegetação nativa da Mata Atlântica (RIO GRANDE DO SUL, 2019).

O recorte e escolha dos sítios se deram pelo fato de haver, em duas localidades bastante próximas, um número considerável de situações de neo-ruralidades e pelas relações que estas apresentam entre si, pois todas as propriedades investigadas atualmente fazem parte do grupo Jaracatiá, e algumas fizeram parte de outros processos citados anteriormente, como o Projeto Propriedade Sustentável e/ou a Rede La Negra. Notou-se assim uma similaridade em suas trajetórias, desde os primeiros encontros que estes sujeitos tiveram, até sua organização em prol de demandas comuns, balizados por princípios da Agroecologia, ciência que abrange uma enorme gama de elementos ambientais e humanos (ALTIERI, 2012 p. 105).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Êxodo rural e seus reflexos

O êxodo rural no Brasil foi bastante intenso após a década de 1960, grande parte motivado pela busca por melhores oportunidades de emprego, salários mais elevados, e vantagens indiretas dos centros urbanos, promovidas pelos meios de comunicação. Paralelamente ao surgimento de um “modelo de desenvolvimento agrícola” voltado principalmente à produção em grande escala, houve a consolidação de um alto índice de concentração do uso da terra (CONTI, 2012). Estes processos atuaram como uma força “expulsionista” (RIBEMBOIM & MOREIRA, 2008), onde, por falta de condições de sobrevivência, mais de 30 milhões de pessoas deixaram a zona rural desde a década de 1960 (MALUF & MENEZES, 2000). Desde então, a mecanização da agricultura, a substituição do trabalho, e a falta de recursos contribuíram fortemente para o desinteresse principalmente dos jovens pelo meio rural (ALVES & MARRA, 2009).

O movimento de êxodo rural se coaduna ao aumento da população no século XX que, motivado pelo capitalismo, por avanços científicos e pela exploração de recursos naturais, levou o planeta a uma intensa crise ambiental, econômica e social, cujos efeitos já são sentidos. O crescimento das cidades não aconteceu de forma gradual e planejada, pelo contrário, a falta de planejamento urbano e conhecimento prévio sobre o ambiente acarretou uma série de problemas de diversos níveis de gravidade no Brasil e no mundo (SILVA, 2003).

A migração para o meio urbano gerou um crescimento no número de pessoas desempregadas, expostos a muitos desafios como falta de infraestrutura, habitação, saneamento básico, transporte, desemprego, entre outros (PALMEIRA, 1989). Uma economia baseada na venda e descarte de produtos, e a corrida pela ganância, geraram graves problemas socioeconômicos, áreas totalmente devastadas, contaminadas, descarte incorreto de resíduos, poluição dos solos, da água e do ar (MARTINS e CÂNDIDO, 2015).

Esses problemas ambientais não se restringem apenas aos centros urbanos, pois com a modernização da agricultura, a corrida pelo capitalismo deixou graves

traumas na zona rural. Conforme destaca o Relatório Brasileiro sobre Direitos Humanos, Econômicos, Sociais e Culturais (2003), no Brasil atualmente observam-se:

[...]formas predadoras de ocupação e de exploração do território praticadas desde o “descobrimento” e um desenvolvimento dito moderno, mas que não encontrou uma sociedade suficientemente organizada para que se coloquem limites efetivos à exploração do que ele faz dos recursos naturais e do meio ambiente. Os ecossistemas foram e continuam sendo sistematicamente destruídos pelo avanço da frente de exploração da madeira e da agropecuária que destrói as comunidades tradicionais que se encontrem no seu caminho (LIMA JR, 2003 p. 9).

O modelo de agricultura atual, chamado moderno ou convencional é insustentável e muitos trabalhos apontam os diversos tipos de degradação ambiental devido a esse sistema. As áreas de cultivo intensivo passaram a serem ampliadas e destinadas às monoculturas, o que tem acarretado sérios problemas como desmatamento, a esterilização dos solos, perda de biodiversidade, desequilíbrio nos ecossistemas, assoreamento dos rios e o surgimento de grandes áreas de deserto verde. Somam-se a isto a contaminação das águas, do solo, dos alimentos e dos trabalhadores rurais, ocasionada pelo uso exagerado de agrotóxicos (ALMEIDA *et al*, 2000; REIS, 2005; KAWAKAMI & RIBAS, 2013).

A produção agrícola convencional não reconhece e não paga seus custos verdadeiros: a terra é minada em sua fertilidade para produzir grãos e vegetais anuais; recursos não-renováveis são utilizados para apoiar a produção; a terra sofre erosão pelo excesso de animais nela mantidos e pelo cultivo demasiado; terra e água são poluídos com produtos químicos (MOLLISON, 1998, p. 14).

Em resposta a esta crise é possível observar um crescente no número de pessoas preocupadas com estas questões, e algumas mudanças ainda que pequenas com a finalidade de reverter este cenário. Tanto nas zonas urbanas, como nas áreas rurais, estão ocorrendo importantes mudanças no modo de pensar e viver, que buscam uma maior consonância com o equilíbrio ambiental.

Carneiro, (2008), ressalta que no Brasil existe grande parte da população vivendo em zonas rurais, e esse número tem aumentado desde a segunda metade da década de 1990. Ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

(PNAD), a autora afirma que este aumento ocorre em todo o Brasil, com exceção da Região Sul, onde esse aumento populacional é menos nítido (CARNEIRO, 2008).

Juntamente com esse aumento populacional destacado por Carneiro (2008), tem se observado, um aumento proporcional de atividades não agrícolas realizadas por moradores rurais. José Graziano da Silva, atribui ao aumento de pessoas nas zonas rurais vindas de distintas regiões, o surgimento destas novas atividades (SILVA, 2001).

2.2 A (re)significação do rural

Em resposta a estas mudanças observadas na zona rural, surge a necessidade de reflexão sobre os significados da ruralidade e a busca por uma previsão de seus rumos (BLUME, 2004). Fernandes (2011), em sua tese, atenta para o fato que muitas vezes os discursos são generalistas, e assim desligados de territórios concretos. Apesar disto, estão fortemente solidificados em diversas esferas, como social, político e econômico. Muitas vezes é o olhar do urbano sobre o rural, e certamente de qualquer forma, os significados e discursos interferem radicalmente nas tomadas de decisões e criações de políticas públicas (FERNANDES, 2011; CARNEIRO, 2008).

Os conceitos de rural e urbano, até pouco tempo eram tidos como antagônicos, onde o urbano era superior ao rural em vários sentidos e o rural era visto como atrasado e subordinado. José Graziano da Silva (2001), esclarece vários mitos sobre os territórios rurais brasileiros em sua pesquisa, advertindo sobre a necessidade do fortalecimento dos espaços locais, para melhor gestão e conservação dos recursos naturais (SILVA, 2001).

Hoje sabemos que os antigos conceitos de rural eram rasos e que a identidade do campo está em permanente construção. Os territórios estão passando por várias transformações, mudanças na paisagem, nos ambientes, nas formas de ocupação social. De acordo com Carneiro (2008), quando estudada mais profundamente, é possível notar que a zona rural apresenta-se como um "mosaico" com diversas especificidades:

[...] uma variedade de espaços socialmente habitados, uma realidade dinâmica, mutável e com plasticidade que até então era definidora da urbanidade? Em outras palavras, até que ponto o esgotamento do modelo modernizador nos possibilitou um olhar crítico no sentido de

nos libertarmos da imagem hegemônica do rural como espaço de tradição e impermeável mudança e assim, passarmos a reconhecer, também no chamado mundo rural, uma diversidade de dinâmicas e de atores sociais (CARNEIRO 2008, p. 16).

Hoje muitos trabalhos têm mostrado que a dinâmica rural é muito mais rica e diversificada do que até pouco tempo pensava-se. Wanderley e Favareto (2014), trazem importantes contribuições na análise do rural brasileiro, e na importância das concepções do que é rural, e no valor significativo atrelado a esses ambientes.

Vemos que a base econômica já não é mais somente a agricultura, que cresce o turismo rural, o setor hoteleiro e as pequenas agroindústrias. Essas e outras atividades *in loco*, contribuem para o surgimento de uma gama de peculiaridades que montam um mosaico diversificado tanto das paisagens como de seus habitantes, e essas novidades configuram novas ruralidades (ROSEMAN, CONDE & PEREZ, 2013; CARVALHO, 2006). Desse modo é possível visualizar a ruralidade como um processo dinâmico, onde a incorporação de novos valores, hábitos e técnicas promove a constante reconstrução/reestruturação de elementos da cultura local (CARNEIRO, 2008).

Diversos autores, como Carneiro (2008), Silva (2001) e Veiga (2004), vem escrevendo sobre as teorias do destino das ruralidades. Enquanto que muitos pensadores acreditavam que o destino da ruralidade seria a urbanidade, outros defendiam a ideia de renascimento rural. Segundo Veiga (2004), o que está acontecendo no território rural pouco tem relação com o passado, pois se trata de algo inédito no nosso momento histórico:

[...] nunca houve sociedades tão opulentas como as que hoje tanto estão valorizando sua relação com a natureza. (...) não somente no que se refere à consciência sobre as ameaças à biodiversidade ou à regulação térmica do planeta (VEIGA, 2004, p.64).

2.3 As Novas Ruralidades

Segundo Karam (2004), o conceito de "neo-ruralismo" teve surgimento na França, no final da década de 1960, e foi percebido inicialmente como um movimento

contracultural. Nessa mesma época, houve movimentos similares em diversas localidades, principalmente no hemisfério Norte, na Europa e Estados Unidos, todos eles com um fator em comum: recusa e abandono aos estilos e valores do urbanismo capitalista (ROSEMAN, CONDE & PEREZ, 2013).

Desde então, pesquisas sobre essas novas ruralidades iniciaram-se na Europa. Em Leal (2014) e Ribeiro (2013), vemos exemplos dessas novas realidades e, apesar de usarem conceitos ligeiramente diferentes, ambos trazem experiências bastante atualizadas desse movimento em Portugal. Em outros trabalhos, como na Espanha, (ROSEMAN, CONDE & PEREZ, 2013), e na Argentina (RATIER, 2002), também é possível acompanhar relatos de experiências similares.

Existem algumas situações na Europa onde é até incentivado esse movimento de retorno ao rural e de ocupação de antigos vilarejos abandonados. Um bom exemplo é visto no minidocumentário *Terra dos Sonhos* (2014), que procura valorizar as potencialidades das localidades rurais, apresentando soluções de rentabilidade e exibindo casos de sucesso de neo-rurais em localidades do interior. Já no documentário *Stop! Rodando el Cambio* (2013) são apresentadas novas ruralidades, muitas vezes resultantes de construções coletivas, com valores drasticamente opostos à lógica capitalista e consumista dos centros urbanos, resultantes de uma profunda reflexão dos atores envolvidos. Estes dois registros trazem diferentes exemplos de busca por sustentabilidade e possibilidades de se construir diferentes realidades, com um enfoque socioambiental, recuperando e renovando antigas localidades.

No Brasil, Giuliani (1990), pioneiro nas pesquisas relacionadas a esse tema, descreve o movimento⁸ neo-rural como uma “força crítica”, contrária aos modelos de desenvolvimentos urbanos, uma “livre escolha bem precisa e particular” de se desligar dos costumes, trabalhos e modos de vida urbana, e viver e se dedicar ao meio rural (GIULIANI, 1990, p. 59).

Apesar dos relatos sobre neo-rurais desde o início da década de 1990, o movimento no Brasil ainda possui dimensões desconhecidas e os trabalhos existentes são bastante pontuais.

⁸ Em diversos autores, assim como no presente estudo, a palavra movimento refere-se ao movimento social representado pelos neo-rurais, não apenas ao movimento migratório.

Em Brumer (2003), vemos um apanhado geral de várias pesquisas realizadas na América Latina. O trabalho ressalva a grande diversidade de realidades existentes nas zonas rurais, e aborda a intensa desigualdade social dos seus habitantes. Ainda indica a importância de conhecer as ruralidades para a aplicação de novas políticas públicas:

Cabe ao Estado, através da formulação e da implementação de políticas públicas, um papel importante na solução dos conflitos e da violência rurais, no favorecimento dos pequenos produtores rurais, no estabelecimento de uma maior equidade de gênero, na inclusão social de indígenas e negros, na limitação do poder dos grandes latifundiários e empresários e na defesa dos interesses gerais das sociedades atuais e futuras na preservação do meio ambiente (BRUMER, 2003, p. 25).

Nos estudos de Karam (2004), é possível observar modelos de novas ruralidades na Região Metropolitana de Curitiba (PR), onde a autora ressalta a importância do papel da mulher na iniciativa de buscar novas formas de produzir, na recuperação de saberes e na luta por uma independência dos pacotes tecnológicos prontos, impostos pelas empresas de pesticidas e sementes.

Em uma reportagem da Revista ISTOÉ de 2018, intitulada "A busca da utopia", é divulgado que é crescente o número, principalmente de jovens brasileiros, fazendo essa transição das cidades para o campo. Entre os principais fatores, segundo a reportagem, está "a busca de uma existência mais simples, com menos impacto ambiental e de elevação espiritual". Ainda trata de questões importantes para a sustentabilidade, como Agroecologia e Permacultura (REVISTA ISTOÉ, 2018).

Vargas (2002), em sua dissertação, concluiu que, de forma geral, independente da linha produtiva explorada por cada neo-rural investigado em sua pesquisa, "todos os neo-rurais sinalizaram estar impregnados de ideologia ecológica" (VARGAS, 2002 p. 104). Ainda sustenta que eles representam um importante catalisador de desenvolvimento sustentável local, pois muitas vezes:

[...] o neo-rural gera emprego, treina e qualifica seus funcionários, divulga questões ambientais e de condições promotoras para desenvolvimento local, atuando como vetor e acelerador da expansão cognitiva do desenvolvimento social (VARGAS, 2002, p. 105).

Muitos autores trazem a ideia de que esse retorno ao meio rural vem acompanhado de conhecimentos técnicos e científicos que possibilitam o uso da terra sem uma exploração indiscriminada, contribuindo dessa forma com a preservação ambiental. Através de técnicas mais ecológicas, diversos autores, sustentam que tem se observado uma revitalização do espaço rural (LEAL, 2014; KARAM, 2004; VARGAS, 2002; RATIER, 2002).

Ainda segundo Karam (2004), nota-se o surgimento de iniciativas que se contrapõe ao modelo desenvolvimentista da Revolução Verde. A adoção de práticas alternativas de produção são propostas, na maioria dos casos, por atores vindos de centros urbanos, muitas vezes por engenheiros, agrônomos, militantes e estudantes, que apoiam-se na possibilidade de sustentabilidade ambiental, social, econômica, cultural e política.

Pafunda (2016), faz uma importante contribuição nessa área de estudo, analisando características dos neo-rurais de Juquitiba, SP, e sua relação com a natureza. Segundo a autora a revalorização do rural, como espaço de moradia, com melhor qualidade de vida, e a busca por uma melhor conservação da biodiversidade, são atributos essenciais nas configurações das novas ruralidades. Para muitos, o movimento neo-rural pode ser considerado como uma alternativa que se opõe ao modelo dominante e convencional de produção e consumo, um protesto contra certos atributos urbanos (VARGAS, 2002; PAFUNDA, 2016).

No vídeo Os Novos Rurais (2016), Edilson Cazeloto, jornalista, radialista, e segundo ele "desertor e dissidente", fala sobre sua experiência, como deixou sua vida na cidade, seu trabalho, revisou valores, pensamentos, e mudou completamente seu estilo de vida. Para a transição, explica como foi criando condições para conseguir sua autonomia, e se desligar das necessidades atreladas à cidade. Atualmente o seu sítio é coletivo, e abriga diversas pessoas que encontrou e encontra que tenham os mesmos objetivos, em sua maioria decepcionadas com a cidade e que buscam uma maior liberdade. Cita princípios de Permacultura, práticas de bioconstrução, agroflorestas, tecnologias alternativas, arquitetura intuitiva, agroecologia. Sua fala, registrada no vídeo, traz ainda reflexões sobre o sistema capitalista, comunidades alternativas, novos rumos do rural, propriedade comum, divisão do trabalho, igualdade e coletividade.

No Rio Grande do Sul, se percebem ainda poucos exemplos, mas estes lentamente estão emergindo. Em uma reportagem no jornal Zero Hora, no segmento Campo e Lavoura (2016), é mostrado exemplos de situações de neo-ruralidades evidenciadas no RS. Em seu final, o texto traz algumas dicas para os jovens que tem interesse em empreender no meio rural. A reportagem apresenta ainda reflexões do Doutor em Sociologia, Sergio Schneider, professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), segundo o qual os neo-rurais "*São pessoas que buscam uma alternativa de vida e de trabalho que possa combinar qualidade de vida, valorização da natureza e compromisso ou engajamento político com causas reais que possam mudar o estado das coisas*" (GAÚCHAZH, 2016).

Em Santo Antônio da Patrulha, município limítrofe de Rolante, Paz (2017) realizou um importante estudo de caso de cinco famílias neo-rurais em diferentes localidades daquele município. Em seu trabalho, ressalta a busca por qualidade de vida e melhoria na saúde como sendo as principais motivações apontadas por parte dos entrevistados, além de evidenciar o emprego de alternativas ecológicas e a importância do protagonismo da mulher na área rural (PAZ, 2017). Fleck (2011), em um estudo sobre a implantação de agroflorestas na Área de Proteção Ambiental Rota do Sol (APA Rota do Sol), que abriga parte dos municípios de Cambará, São Francisco de Paula, Itati, Três Forquilhas e Terra de Areia, menciona a existência de neo-rurais e também faz associações destes com a Ecologia e com novas formas de protagonismo.

Em diferentes trabalhos, evidencia-se a pluriatividade no meio rural, como em Carneiro (2008), onde a mesma já havia chamado a atenção para a ocorrência de diferentes atividades, não somente a agricultura. Silva (2001), acredita que é exatamente devido a esse aumento e diversificação de atividades que se tornou possível o acréscimo de pessoas nas áreas rurais, pois, segundo ele, dessa forma as pessoas valem-se de outras alternativas socioeconômicas, além da agricultura.

No município de Rolante, especificamente, Fischborn (2016), faz um estudo de caso, onde evidencia a ocorrência de ocupações em diversas atividades por parte de famílias rurais do município como forma de contribuir na renda da família. No mesmo contexto da comunidade rolantense, Kinzel (2013) traz exemplos dessa pluriatividade na localidade de Boa Esperança, enfatizando as ações dos jovens no meio rural.

Ainda assim, de acordo com Nandi (2016), a agricultura é uma das bases do desenvolvimento econômico do município e região, e muito se fala em novas formas de cultivo e técnicas mais sustentáveis, como é apresentado em Fleck (2011), com os Sistemas Agroflorestais em São Francisco de Paula, e Paz (2017), com a Agroecologia em Santo Antônio da Patrulha, ambos municípios vizinhos de Rolante.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Área de Estudo

O município de Rolante faz parte do Vale do Rio Paranhana, e desde 2010 é parte da Região Metropolitana de Porto Alegre, situando-se a cerca de 90 quilômetros da capital do Estado. Limita-se ao norte com o município de São Francisco de Paula, ao sul com Santo Antônio da Patrulha, a leste com Riozinho e a oeste com Taquara (ROLANTE, 2019). Seu território integra a região da Encosta da Serra Geral e é marcado por uma natureza exuberante, sendo que o município apresenta vários atrativos turísticos como o Pico do Morro Grande, com 841 metros de altitude utilizado por praticantes do voo livre. Destacam-se também as cascatas das Andorinhas, da Colônia Monge, das Campinas e das Três Quedas, além de trilhas ecológicas entre o relevo característico e a vegetação nativa da Mata Atlântica (RIO GRANDE DO SUL, 2019).

A população rolantense era de 19.485 indivíduos em 2010, quando o último censo demográfico foi realizado, e estima-se que atualmente é de 21.199 mil habitantes (IBGE, 2019). Consta ainda que esta população divide-se em 15.310 pessoas residentes na zona urbana e 4.175 pessoas residentes na zona rural, o que representa um percentual de 78,6% de população urbana e 21,4% rural.

Com relação ao desenvolvimento econômico do município de Rolante, o capital é em maior parte proveniente do setor de serviços e do setor calçadista. Contudo, de acordo com Nandi (2014, p. 09), “mesmo aparentando menor expressividade, a agricultura familiar permanece nos dias atuais, como um dos pilares econômicos do município”, mostrando sua relevância.

3.2 População e Amostra

Para o presente estudo foi considerado neo-rural o sujeito de origem urbana, ou habitante da zona urbana que buscou fixar-se em zona rural, estando a desenvolver algum tipo de atividade atrelada ao território rural, como proposto por Giuliani (1990).

Outro quesito utilizado para definição da população amostral, foi a participação no grupo Jaracatiá, e/ou no Projeto Propriedades Sustentáveis.

Notou-se a ocorrência de uma maior concentração de situações de neoruralidade em determinada região do município, mais precisamente entre as localidades de Areia e Boa Esperança, ambas fazendo parte da microbacia hidrográfica do rio Rolantinho da Areia. Sendo assim, as cinco propriedades investigadas localizam-se na, ou próxima, à estrada do “Caminho das Pipas”, rota turística que atravessa este território. Estas propriedades encontram-se próximas umas das outras, num raio de aproximadamente 3 Km, fazendo parte portanto de um mesmo território, uma mesma ruralidade.

3.3 Levantamento de Dados

O presente estudo propõe uma análise qualitativa através de estudo de casos, a partir de visitas às propriedades, com observações direta e participativa. Esta abordagem permite uma aproximação mais íntima com as diferentes realidades e, de acordo com Mónico *et al* (2017, p. 727), através dessa metodologia é possível “uma perspectiva holística e natural das matérias a serem estudadas, este método de investigação permite aos investigadores um bom caminho de observação.”

Combinadas com a observação participante, foram realizadas entrevistas semiestruturadas em forma de conversa com os moradores, a fim de perceber as características específicas de cada caso (GIL, 2002). Para a condução destas entrevistas, utilizou-se de um plano previamente elaborado, onde:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 72).

Para o presente trabalho foram visitadas cinco propriedades e entrevistadas dez pessoas. As entrevistas ocorreram em forma de conversa informal, com auxílio de gravador e bloco de notas. As visitas ocorreram de acordo com a disponibilidade dos sujeitos a serem entrevistados, e tiveram duração variável entre 2 e 6 horas por propriedade. Muitas vezes houve a participação da pesquisadora em atividades

realizadas nas propriedades, como a colheita de frutas e verduras para feira, auxílio em atividades de plantio, capina, bioconstrução, rodas de conversa, entre outras. Além disto, para um melhor entendimento dos processos nos quais estes neo-rurais estão inseridos, houve a participação também em várias reuniões do grupo Jaracatiá, e conversas informais com vários integrantes.

Foi acordado previamente não expor os nomes das pessoas entrevistadas e das propriedades visitadas, e dessa forma eles serão identificados apenas por abreviações criadas aleatoriamente.

3.4 Análise dos dados

Nas observações e entrevistas realizadas foram analisados os seguintes aspectos sobre as propriedades:

- Área da propriedade, área preservada, cultivada e/ou utilizada;
- Quantos são e quem são os moradores em cada sítio;
- Motivos da escolha geográfica.
- Principais projetos realizados em cada propriedade, o porquê da escolha do tipo de produção, retorno financeiro, se possuem renda exclusivamente da zona rural, ou se tem outras fontes;

Sobre os sujeitos entrevistados permitiu-se a livre expressão, sobre si, sobre sua história de vida, valores e sentimentos diversos buscando compreender:

- Os principais motivos da escolha pela vida no campo;
- Implicações decorrentes dessa escolha;
- Vantagens, desafios e/ou dificuldades;
- Nível de profissionalização e escolaridade;
- Formas de associação, relações institucionais, financiamentos;
- E suas buscas por conhecimentos e saberes para aplicar nas atividades da propriedade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir no item 4.1, será exposta uma breve descrição de cada propriedade observada, algumas características como área, localização em relação ao centro urbano mais próximo. Logo após serão apresentados os sujeitos entrevistados, um breve resumo de suas trajetórias e algumas das narrativas mais relevantes obtidas nas entrevistas. No item 4.2, serão apontadas as principais características em comum, perfil geral das propriedades e dos entrevistados, mostrados nas tabelas 01 e 02. No item 4.3 reuniu-se as respostas dos entrevistados sobre as principais vantagens e desafios da vida no ambiente rural. No item 4.4 uma breve discussão a respeito da busca pelos conhecimentos e saberes elencadas pelos entrevistados. Por fim no item 4.5 uma pequena análise sobre as relações sociais e a construção de uma nova realidade.

4.1 A Comunidade Neo-rural de Rolante.

4.1.1 Sítio I

O Sítio I fica na localidade de Areia, à 5 km de distância do centro de Rolante e possui nove hectares, sendo que dois hectares são de Reserva Legal (RL), cinco hectares são de manejo agroflorestal, e dois hectares são divididos entre pomar e área de plantio de hortaliças e anuais como milho, batata doce e aipim. Atualmente, este sítio é habitado por um casal, um homem e uma mulher, ele com 55 anos de idade e ela com 50. Anteriormente ambos moravam em Novo Hamburgo, município da região metropolitana de Porto Alegre, localizado a aproximadamente 80 km de Rolante.

A topografia da área deste sítio se inicia plana a partir da estrada principal, espaço geralmente usado para plantio de hortaliças e anuais. Neste ponto estão dispostas duas estufas, uma construída recentemente, com cerca de oitenta metros quadrados (80m²), e outra menor e mais antiga, de aproximadamente trinta metros quadrados (30m²). Seguindo pela estreita estrada de acesso, há a esquerda uma área com cultivo de pitaias (*Hylocereus undatus*), e levemente nota-se que o terreno vai

subindo até uma pequena elevação, onde se veem algumas árvores e a residência do casal. O relevo do terreno segue se elevando no sentido sul/ norte, e quanto mais para os fundos da propriedade, maior a altitude. Passando a residência existe um pomar com diversos tipos de árvores de diferentes variedades de frutíferas. No meio do pomar há um galpão e os alicerces da construção de uma residência onde, futuramente, a filha, o genro e o neto do casal pretendem morar. Depois destas dependências a área segue com mata nativa.

Ambos nasceram no interior do município de Rolante e viveram a maior parte de suas vidas na cidade de Novo Hamburgo. Ele foi com a família quando tinha 18 anos, para trabalhar e ganhar a vida na cidade e ela foi ainda bebê. Ele foi para a cidade e trabalhou por aproximadamente 30 anos em algo que ele relata que não gostava. O casal trabalhava em uma oficina de chapeação e pintura automotiva.

"Eu fui pra lá, sozinho, daí minha mãe foi, vendeu tudo as coisas aqui, vaca e tudo e foi com meus irmãos. E ai depois que ela foi eu me arrependi de ter ido.... Daí não tinha como voltar, a terra não era mais nossa. Daí fui ficando, mas fui ficando contra a vontade, não gostava daquilo lá, fiquei 36 anos (...) Nunca gostei da cidade e nunca gostei da minha profissão, e fiquei 36 anos, todos os dias eu pensava - estou fazendo uma coisa que contraria tudo o que eu penso e faz mal pro meio ambiente. Queria parar com isso, e nunca mais trabalhar com veneno. Mas eu nunca perdi a esperança de voltar e fazer o que eu gosto." **Entrevistado A1**

Quando questionados sobre a motivação que levou a ambos sair da cidade e viver no campo, eis suas respostas:

"Eu pra fazer o que eu gostava sempre né? Meu sonho, e pra ter uma vida mais saudável... pra fazer o que eu sempre deixei de fazer. Fui embora, me arrependi de ter ido pra cidade voltei pra fazer o que eu fazia antes. Mas tô fazendo melhor (...), mas agora sem veneno. E pra ter uma qualidade de vida melhor – (...) vários fatores que não é só que pesou pra nós vir né, mas pra ter uma qualidade de vida melhor e era um sonho de eu voltar a TRABALHAR NA TERRA." **Entrevistado A1**

"E no fim o sonho dele acabou virando o meu também. Eu nunca queria, eu nunca queria vir pra cá. Eu disse capaz que eu vou morar na roça! Eu sempre deixei bem claro pra ele: Eu posso ir pra lá, mas pra roça eu não vou! (...) Tem muita coisa que eu não sei fazer, muita coisa eu aprendi. Mas claro, tem muita coisa que eu disse que não ia fazer e agora já tô fazendo". **Entrevistada A2**

Possuem a área há mais de 20 anos, e neste período vinham apenas nos finais de semana e iniciaram diversos plantios, principalmente mudas de árvores frutíferas

que não requeriam atenção assídua. Em abril de 2015 ele se aposentou e em dezembro do mesmo ano começaram a fazer a transição para irem morar definitivamente no sítio. Logo após, no ano seguinte, após a aposentadoria da entrevistada A2, efetivaram a mudança.

Eles estão no grupo Jaracatiá desde seu início, e vem vendendo o excedente de sua produção agrícola na feira ecológica há mais de um ano. Por enquanto a renda que obtêm na feira é apenas um complemento, pois a renda principal provém das aposentadorias e do aluguel de um prédio da cidade onde moravam. Ainda assim, a feira contribuiu para dinamizar aspectos socioeconômicos da vida do casal, pois eles conseguem vender muitas coisas que antes eram perdidas, principalmente de frutas que em determinadas épocas geram grandes quantidades de colheitas devido a sazonalidade inerente às espécies. Ainda conforme o casal informa, o investimento na terra "aos poucos está se pagando" **Entrevistada A2.**

No futuro, como projeto para a propriedade, pensam na ampliação do cultivo de perenes, anuais e hortaliças para comercialização na feira. Existe ainda a possibilidade de iniciarem um projeto de turismo rural, com trilhas ecológicas e acesso dos consumidores à horta podendo colher no próprio local. Estas iniciativas são incentivadas pela filha e genro que irão morar lá assim que a casa estiver pronta. Segundo os entrevistados, inicialmente a filha e o genro pensam em continuar com o vínculo empregatício que tem na cidade, até se estabelecerem no campo e iniciarem seu próprio empreendimento de turismo, como futuros neo-rurais.

4.1.2 Sítio II

O Sítio II encontra-se na localidade de Maragatos, 9,15 km do centro do município de Rolante. A área deste sítio se inicia próxima a estrada principal, é limitada ao sul pelo rio Rolantinho da Areia, e sobe o morro no sentido Sul/ Norte indo quase até o topo. Esta é uma faixa de terra com muitas diferenças de altitude, indo de noventa metros (90m) da beira do rio, até trezentos e oitenta metros (380m) acima do nível do mar no limite Norte do sítio. A propriedade apresenta poucas áreas planas, relevo típico desta região da Encosta do Planalto.

Logo na entrada é possível observar um galpão grande que serve de residência, duas pequenas construções utilizadas como garagem, área de trabalho, alocação de ferramentas e lenha, utilizada como combustível, um banheiro seco⁹, e mais ao fundo uma cabana feita de toras que também serve de residência. Em algumas áreas planas e em declive é possível notar zonas de cultivo e canteiros agroecológicos, representando a ocupação estratégica de determinados nichos para a agricultura.

Neste sítio moram atualmente duas pessoas, dois amigos, ambos do sexo masculino. A propriedade estava abandonada há mais de 20 anos, e estes dois jovens, a pouco mais de quatro anos, adquiriram a área e começaram a vir semanalmente para organizarem o espaço e construírem as primeiras habitações.

O Entrevistado B1 é natural de Rolante, sempre viveu na cidade, mas relata ter uma relação bem próxima com o rural, desde a infância. Formado como Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas, atualmente trabalha com Licenciamento Ambiental. Mora no sítio há 3 anos, em um galpão, que ainda está construindo.

O Entrevistado B2, também é natural de Rolante, morou até os 10 anos na zona rural, quando criança, e teve que mudar-se com sua família para a cidade após o falecimento do pai. Morou em várias cidades e teve experiências em vários empregos diferentes. Atualmente cursa Licenciatura em Educação do Campo, - Ciências da Natureza. Mora na propriedade há 4 anos. No início vivia em um *yurt*, uma espécie de "tenda", feita de bambu em formato circular, revestida de lona e carpete. Recentemente mudou-se para a cabana de toras cuja construção iniciou-se há 3 anos.

Em relação à motivação que fez com que deixassem a cidade e fossem morar no campo, segue alguns relatos transcritos dos dois entrevistados:

"Eu pessoalmente, eu sempre achei a agricultura uma das funções mais nobres que existem. A questão do cultivo do solo, da terra, assim, eu acho incrível essa transformação que tu consegue fazer, essas culturas tradicionais que se instalaram aqui antes de nós, e cultivaram cada um de sua forma. Isso tem a ver com cultura, isso tem a ver com alimentos, isso tem a ver com espiritualidade. Então, na verdade, eu acredito nas coisas mais naturais e tentar sair um pouco do sistema convencional, que acaba

⁹ Banheiro Seco – Alternativa ecológica para construção de banheiros onde os dejetos são depositados com serragem e encaminhados a um local de compostagem. Dessa forma, evita-se contaminação de corpos d'água e lençóis freáticos, economiza-se água. E ainda gera composto orgânico ao final do processo (Entrevistado B2).

nos direcionando para algo né? Enquanto que aqui a gente pode seguir nosso próprio direcionamento, independente do que for.” **Entrevistado B1**

“Eu tive experiência de morar em centro urbano e não gostei. Não era o que eu procurava. E aí eu fui descobrindo as coisas que eu não queria. Ao mesmo tempo tinha uma vontade, uma lembrança de infância muito boa de morar em sítio, morar na roça de lidar, de estar nesse meio. E aí aquela coisa, se esse meio não está bom, vou procurar isso que meu instinto quer.”

Entrevistado B2

“Aquela coisa dos filósofos americanos do final do século 19 que eles falam muito do instinto da gente, da terra, de retornar à origem – Na verdade a gente vai criando mecanismos que vão distanciando a gente do nosso Ser, cria ilusões e maquinários imaginários pra te distanciar do que realmente importa, Thorreau, Jack London eles retrataram muito bem isso né?...Como a vida simples consegue enobrecer muito mais nosso caráter.”

Entrevistado B1

O sítio compreende uma área de 12 hectares, dos quais cerca de 5 hectares são destinados a preservação ambiental. No momento ainda não tiram o sustento unicamente das atividades agrícolas, portanto ambos possuem outras fontes de renda. Ainda estão em um momento de investimentos e estruturação com intuito de se dedicarem cada vez mais à agricultura agroecológica. Faz pouco mais de um mês que começaram a participar ativamente da feira ecológica, levando o excedente das frutas, hortaliças, grãos e raízes que já cultivam, como banana, abacate, mamão, açafrão, batata doce, etc. Ambos integram o grupo Jaracatiá e estão desde a sua criação, e participam de diferentes formações em Agroecologia.

Entre os projetos que estão sendo executados, está o cultivo e implantação de um sistema agroflorestal em área de um hectare, trezentos metros quadrados (300m²) de cultivo agroecológico de hortaliças e anuais, além do cultivo de cogumelos *shiitake*. A proposta é criar um sítio baseado nos princípios da Agroecologia e da Permacultura, e estender a área de agrofloresta para quatro hectares. O objetivo para o futuro é transformar o sítio em referência em práticas agroecológicas, eficiência energética e conservação ambiental, também existe a ambição de transformar parte da área em uma unidade de conservação ambiental do tipo Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN).

Também fizeram parte do Projeto Propriedade Sustentável de Rolante, que aconteceu de 2017 a 2018, onde no período de um ano, receberam visitas e participaram das reuniões. Em outubro de 2018, ao final do projeto, foi-lhes concedido o título de Propriedade Sustentável. Dentre os critérios de seleção utilizados estavam o nível de crescimento e desenvolvimento da propriedade em busca da autossuficiência e sustentabilidade durante o período de duração do projeto.

4.1.3 Sítio III

O sítio III localiza-se próximo ao Sítio II, a cerca de um quilômetro e meio (1,5km), seguindo pela estrada vicinal até encontrar uma bifurcação a esquerda. Sobre-se uma lomba bastante íngreme até a parte plana, onde a residência se faz visível a direita, e logo após, é possível visualizar as instalações para os animais e galpões. As áreas cultivadas localizam-se no entorno da casa, em ambos os lados da estrada.

A propriedade compreende uma área de 10 hectares, onde três hectares são destinados para cultivo. Moram quatro pessoas, a Entrevistada C1, seu marido, sua mãe idosa e sua filhinha de quatro anos.

Nesse caso a Entrevistada C1 é de origem rural, foi para a cidade trabalhar, onde ficou quase três anos, mas quando o pai faleceu ela voltou para o sítio para cuidar da mãe. Tem mais dois irmãos, que foram pra cidade e lá ficaram. Ela disse que nunca gostou da cidade, e sempre que podia voltava para o sítio. Faz 12 anos que ela e o marido estão morando na propriedade com sua mãe. Seu marido é de origem urbana, viveu na cidade até aproximadamente 23 anos, quando os dois resolveram se casar e mudar para a zona rural. De acordo com a entrevistada, seu marido sempre se sentiu muito à vontade quando se tratava da vida no campo e de trabalho na roça. Ele possui um trabalho fixo, assalariado, de segunda a sexta, mas não é na zona urbana. Segundo a Entrevistada ele trabalha como empregado em uma propriedade rural em outra localidade, trabalhando com piscicultura.

Há três anos, ela iniciou um projeto de agricultura orgânica, pois queria dar a sua filha recém-nascida na época, melhor qualidade de vida. Desde então ela cultiva uma grande variedade de hortaliças, frutas e legumes, tudo orgânico. No início era uma área pequena, depois começou a investir e aumentar a produção. Apesar de ela

reconhecer que muitas vezes a atividade requer bastante esforço, decidiu dedicar-se a atividade, aderiu a uma linha de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e conseguiu financiamento para implantação de sistema de irrigação e aquisição de maquinário agrícola.

No caso deles, a transição mais complexa não foi a urbano-rural, como na maioria dos casos. Mas sim a transição de um modelo convencional, baseado na aplicação de agrotóxicos, insumos e maquinário pesado, para um modelo orgânico e agroecológico, pois no início pouco se falava ou se incentivava os agricultores nesse sentido. Na época, eles fizeram um movimento bastante solitário, indo de encontro à lógica defendida pela maioria que era o modelo convencional de produção agrícola.

Inicialmente, vendiam o excedente através de entregas de cestas na cidade, empreendimento que foi crescendo e que chegou a cerca de 40 cestas semanais. Participaram do Projeto Propriedade Sustentável e também do grupo Jaracatiá desde seu início, e por meio deste começaram a participar da feira ecológica.

Também mudaram várias técnicas de manejos nos seus cultivos, à medida que iam aprendendo mais sobre agroecologia. Atualmente ela está temporariamente afastada das atividades, pois encontra-se em fase final de gestação, aguardando a chegada de seu segundo filho e continua apenas com a entregas de algumas cestas, para clientes mais constantes.

Segundo a Entrevistada C1, a grande vantagem é: *“que tu planta tua própria comida, e se por acaso ficar sem dinheiro, fome tu não passa”*. Outro grande benefício é a saúde, disse que sua filha adora tudo o que ela planta, nunca tomou refrigerante, e nunca ficou doente. Entre outras vantagens: *“é trabalhar naquilo que tu gosta, ser seu próprio patrão, e se sentir livre.”*

Nesse sítio é produzido para consumo próprio, quase tudo de que necessitam: feijão, aipim, batata, moranga, milho, verduras, além da criação de animais, onde obtém ovo, leite, carne, banha e derivados. O marido ajuda no trabalho com a terra nos finais de semana e dias e horários em que está de folga.

O principal motivo para a mudança para o campo é principalmente porque sempre gostou muito da vida rural. É completamente apaixonada pelo que faz, e é claro, pela qualidade de vida que o campo oferece, podendo respirar ar puro, beber água limpa e comer alimentos saudáveis.

Quanto as suas expectativas para o futuro, quer ampliar a produção, fazer uma estufa, começar a produzir as próprias sementes e participar mais ativamente da feira e do grupo Jaracatiá.

"A esperança é que cada vez mais as pessoas comecem a se apoiar mais né? e que mais gente comece a plantar e participar (...) e que as pessoas se conscientizem mais sobre alimentação saudável, limpa e sem veneno".

Entrevistada C1

O trabalho na agricultura, além de ser muitas vezes pesado e cansativo, ainda depende de outros fatores que estão além da vontade do agricultor, como climáticos, doenças, e escoamento da produção. A Entrevistada C1 é um grande exemplo de protagonismo, reconhecida no município. É um exemplo de luta e força de vontade, por fazer a transição, por dizer não ao modelo convencional que é imposto, e ir contra uma gama de forças opostas culturalmente aceitas, como a agricultura moderna e seus insumos e o patriarcado bastante opressivo principalmente na zona rural.

4.1.4 Sítio IV

Este Sítio se localiza em Alto Areia, cerca de 12 km, do centro da cidade de Rolante. Para chegar no sítio é necessário passar por cima do rio Areia, através de uma ponte pênsil, com plataforma de madeira sustentada por cabos de aço, somente para pedestres. Ou, se o rio estiver baixo, é possível passar de carro por dentro do rio. A área inicialmente é plana, mas ao fundo do terreno o relevo muda, subindo lentamente e depois ficando mais íngreme, sendo que a parte mais alta do terreno faz divisa com o Sítio III. Abaixo, logo na entrada de acesso dentro da propriedade, o rio recorta o terreno no lado leste, delimitando sinuosamente o território. Este sítio possui 11 hectares, cerca de 3 são de mata nativa, e conta com uma plantação de pinheiros da espécie *Pinus elliottii* que já estava estabelecida na propriedade quando foram morar lá. A área destinada ao cultivo fica na parte mais plana do terreno, próxima ao rio, e ocupa $\frac{1}{4}$ de hectare. Quando foi adquirida, esta propriedade já tinha uma antiga edificação de tijolos que era utilizada como estufa para secagem de fumo e uma residência de aproximadamente quarenta metros quadrados (40m²). Atualmente este sítio possui três moradores fixos.

A entrevistada D1 é natural de Nova Friburgo, cidade grande na região serrana do Estado do Rio de Janeiro (RJ). Formou-se em Biologia, depois foi para área da Educação. No meio do curso, um tanto insatisfeita, ela começou a procurar outras coisas e a se envolver com movimentos de lutas indígenas:

"[...]fui me dando conta de que a educação, ela é fundamental, mas tem contextos diferentes de educação e a educação convencional do jeito que a gente vinha estudando e do jeito que a gente vinha aprendendo não se encaixava com a minha visão de mundo (...) Daí comecei a ler sobre a luta indígena, comecei a ler Eduardo Galeano –e ver sobre toda a colonização da América Latina, o que que trouxe. Comecei a me interessar pela Permacultura" **Entrevistada D1**

A entrevistada relata que trancou o curso na faculdade e foi fazer uma viagem pelo Rio Grande do Sul, sozinha, pedindo carona durante dois meses. Neste período fez um curso de Permacultura em Guaporé, onde conheceu o Entrevistado D03. Ambos saíram do curso com ideias de criar uma nova forma de vida e fizeram algumas tentativas de criarem espaços coletivos, com outras pessoas que também haviam feito o curso.

"E daí isso foi me direcionando a conhecer melhor os movimentos de luta pela terra, o que me levou a fazer o Estágio Interdisciplinar de Vivência – EIV, que é oferecido pela Via Campesina, eu fiz em 2017, lá em SC num assentamento do Movimento dos Trabalhadores sem Terra e aí eu passei um mês fazendo uma formação prática e teórica sobre movimentos sociais de luta pela terra. Daí eu conheci o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o movimento das mulheres camponesas, a luta quilombola e a luta indígena trazendo outras formas de lutas pelo território." **Entrevistada D1**

Ela conta que foi fazer uma vivência em uma aldeia Guarani em Santa Catarina onde ficou morando por um ano. Neste local participou de atividades pedagógicas e atuou como docente, aprendendo muito durante esta estadia. No final daquele ano foi convidada para vir morar no sítio IV, onde reside há um ano e meio.

A Entrevistada D02, é natural de Putinga, RS, cidade pequena do interior, sendo que ela é de origem rural e filha de agricultores.

"Eu fui embora quando eu tinha 18 anos e eu vejo muito assim que eu fui educada para ir embora". **Entrevistada D2**

Ela conta que de onde ela veio a cultura está impregnada de valores urbanos e existe muita desvalorização do rural. Predominam métodos convencionais de cultivo e a cada ano há um aumento significativo no uso de agrotóxicos. Foi morar na capital

e cursar Pedagogia na UFRGS, onde atuou em projetos de extensão na área da educação. Ela relata um acontecimento que foi determinante em sua trajetória, há 3 anos, quando teve a primeira experiência em uma aldeia Guarani:

"E isso me tocou muito, porque até então eu não sabia que dava pra viver em comunidade de uma forma mais ética, assim sabe? Com a natureza.

Entrevistada D2

No ano passado ao participar de um projeto em outra aldeia Guarani no município de Maquiné, RS, conheceu a Entrevistada D1 e o Entrevistado D3.

"Essa experiência trouxe muitos questionamentos, me fez perceber muito que nós somos construídos, nossos sonhos são uma construção não só nossa, mas do nosso meio. O quanto o ambiente está nos moldando para seguir determinados caminhos (...) Até então eu achava que eu tinha que ficar na cidade pra conseguir alguma coisa que nem eu sabia o que que era sabe? Daí eu comecei a me aproximar mais da feira, nessas experiências eu fui vendo e percebendo o valor da terra assim, ia na feira em Porto Alegre, e tudo isso me fez pensar e ver que eu queria voltar assim, para o campo né? (...) Essa ideia de que tu vai ser alguém. Eles, meus pais, agricultores, não se veem como alguém, sabe? como autores. O que eles fazem lá é incrível, só que eles não conseguem enxergar isso (...) Então eu tenho feito esse estudo de resgatar tudo isso que faz parte de mim e também levar isso pra eles. **Entrevistada D2**

No final do ano de 2018, ela trancou o curso na universidade, deixou a capital e veio morar no sítio, onde está há 5 meses trabalhando na agricultura, e relata:

"[...] me fez perceber mesmo o quanto eu negava o fato da agricultura ser uma profissão que talvez fosse do meu interesse, mas que nem passava pela minha cabeça, porque no contexto que eu vim as pessoas diziam que era muito sofrido, que tinha que trabalhar muito, mas daí tu vê que muitas vezes elas estão trabalhando muito porque tem outros objetivos, que é sei lá, juntar muito dinheiro ou comprar muitas coisas, que pra mim não tem muito cabimento, não tenho esses objetivos, eu percebi que eu posso ser agricultora só que de uma outra maneira, com outros valores"

Entrevistada D2

O Entrevistado D3, é natural do município de Sapucaia do Sul, região metropolitana próxima à Porto Alegre. Após a finalização de um curso técnico, foi trabalhar em uma empresa com o pai e depois acabou entrando numa universidade iniciando o curso de comércio exterior, por influência do pai e da área de atuação que então trabalhava. Insatisfeito, trocou de curso iniciando Publicidade, também foi por influência de terceiros, relata, mas não gostou e ficou apenas um semestre. Nesse

tempo trabalhava com dois amigos no ramo de áudio visual e fotografia. Ele conta que na época estava:

"sempre descontente com o rumo que as coisas iam, tipo sempre para o lado comercial, sempre ia para um lado que envolvia todos os valores que não serviam pra mim." **Entrevistado D3**

Decidiu sair da cidade de Sapucaia do Sul, morou em vários lugares, e nesse ínterim já estava:

"estudando sobre agrofloresta, estudando sobre agroecologia, entendendo o que era permacultura, lendo uns livros, e pensando que poderia ser uma alternativa de uma maneira inocente e meio fantasiosa" **Entrevistado D3**

Fez o curso de Permacultura em Guaporé, depois teve várias tentativas frustradas de criação de um espaço coletivo, para criação de uma comunidade. Ficou um tempo no município de Maquiné, RS, onde teve diversas experiências com agricultura e Agroecologia. Como sua família estava apoiando estas iniciativas, foram atrás de um local para viver e colocar em prática, tudo o que acreditava e vinha aprendendo. Durante cerca de 10 meses ficou fazendo cursos, vivências e procurando algum sítio para adquirirem:

"Encontrei aqui que é um lugar bem próximo de onde eu vinha na adolescência para passear nas cachoeiras, até achava que Rolante era muito urbanizado, porque sempre passava por Rolante para ir para as cascatas em Riozinho, não conheço muito bem Rolante (...) E aqui eu encontrei tudo como eu esperava, água, em todos os sentidos, vertente, no rio, parte plana, parte com morro, recurso de madeira, recurso de mata nativa, plantas medicinais, arvoredo, laranja, abacate, bergamota, não passo fome, uma casa, vários lugares pra dormir." **Entrevistado D3**

Ele reside na propriedade há dois anos e meio. A ideia principal deles é buscar autonomia alimentar, buscar outras maneiras de produzir alimento, outras fontes de renda. Entre os projetos que atualmente estão envolvidos, está o cultivo de *shiitake*, o manejo agroflorestal de hortaliças, anuais e frutíferas, além da extração da resina dos pinheiros que já estavam na propriedade.

"A gente tá nessa luta pela autonomia, mas a gente também está olhando pra fora em outras lutas e vendo como a gente consegue se inserir, na luta anti-capitalista, anti-racista, numa luta feminista e tentar achar nossas forças e como a gente consegue fortalecer e criar essa conexão campo-cidade-floresta que eu acho que tem tudo a ver né?". **Entrevistada D1**

Iniciaram recentemente um projeto coletivo, e uma pós graduação em Agroecossistemas, representados pela Entrevistada D1. O projeto, segundo eles parte de demandas reais de vários grupos envolvidos, que visa a criação de uma rede de banco e trocas de sementes crioulas. Também trabalham com iniciativas coletivas e participam de várias lutas sociais. Em seu sítio costumam receber visitantes de vários lugares, até mesmo outros países, passam alguns dias e até meses, fazendo vivências, práticas, trocas de experiências e intercâmbios culturais. Para melhor se estruturarem, recentemente construíram um galpão destinado a usos múltiplos:

"Acho que esse galpão materializa muito essa nossa vontade de ter mais pessoas aqui e ancorar isso. Estudar e fortalecer essas redes. (...) Acho que uma vontade também é fazer desse espaço o mais diverso possível assim, que a gente consiga pensar em cor, em classes diferentes, em sexualidades, gêneros e outras coisas que estão aí que estão na cidade mas que muitas vezes não chegam de forma declarada, explícita no campo por causa do conservadorismo, então como a gente traz essas pessoas assim, pra ver que existe uma outra forma de vida?" **Entrevistada D1**

Eles entraram recentemente no grupo Jaracatiá, a cerca de cinco meses, mas como não produzem muito excedente ainda, eles fazem a feira levando os produtos de um outro membro do grupo que produz uma grande variedade de alimentos, mas que não tem disponibilidade para estar na Feira Ecológica. Assim, recebem em troca alimentos e produtos deste outro sítio, além de firmarem parcerias nas atividades agrícolas de ambos os sítios. Tal procedimento demonstra a possibilidade de trocas diversas dentro do escopo da economia comunitária que não envolve dinheiro em espécie. Atualmente, como não estão produzindo suficientemente para comercialização, a renda dosítio provém da venda da resina dos Pinus, do apoio financeiro das famílias, e da colaboração espontânea das pessoas que recebem.

4.1.5 Sítio V

O Sítio V encontra-se na localidade de Boa Esperança, há 12 km do centro da cidade de Rolante. A residência localiza-se em área mais elevada, na subida do morro, é possível visualizar a edificação destinada a cozinha coletiva e sala de estar, e ao lado outra edificação separada para os dormitórios, construídos com telhado vivo. Seguindo

mais à cima, há uma área de camping à esquerda e outra edificação destinada a lavanderia. A área deste sítio possui 7 hectares, com zonas de acentuada declividade intercaladas com zonas mais planas. Parte do terreno é coberto por densa mata nativa e é cortado por um córrego, onde se localiza uma belíssima queda d'água.

O sítio inicialmente era um projeto coletivo, com objetivo de estruturar uma comunidade nos moldes de uma ecovila, mas muitos dos envolvidos no projeto desistiram. Os atuais proprietários possuem outros focos de ação, apesar de manterem algumas das propostas originais, como por exemplo o caráter coletivo de uso das edificações e espaços externos. Neste sítio, residem 4 pessoas: um casal (um homem e uma mulher) e os dois filhos, um casal de gêmeos de 8 anos de idade.

A Entrevistada E1, formada em Psicologia e Artes Visuais, é natural de Porto Alegre onde trabalhava como educadora social e na prevenção e promoção da saúde. Engajada em vários projetos sociais em que trabalhava buscando a visibilidade de diferentes realidades, trabalhou no Núcleo de Instauração Artística (NIA), com intervenções na cidade de Porto Alegre. Durante o período da faculdade de Artes, trabalhou também em um coletivo feminista e na Rádio Visual chamado Sopapo de Mulheres, com integrantes do Espaço Comunitário Quilombo do Sopapo, também em Porto Alegre.

Seu marido, o Entrevistado E2, é natural de São Borja, RS e é formado em Arquitetura e Urbanismo. Concluiu o Mestrado em Planejamento Urbano estudando cooperativas de habitação de movimentos sociais:

"minha pesquisa era basicamente como que a operação de cooperativas pelos movimentos, tipo MLPM (Movimento de luta pela moradia), Central de Movimentos Populares, Confederação nacional de associação de moradores, como que esse repertório de cooperativa estava entrando e modificando a maneira de eles agirem" **Entrevistado E2**

Depois do mestrado, foi trabalhar em uma ONG fazendo projeto de habitação juntamente com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e com a Cooperativa Utopia e Luta, da qual ainda é presidente.

"Ali foi quando tudo que eu tinha estudado no mestrado eu comecei a ver que não era tão bonito como eu achava. A autogestão era um pouco mais complicada do que eu imaginava. E que a vida na periferia, especialmente dos catadores era bem dura, a ONG e a Cooperativa tinham projetos participativos, mas era difícil fazer esse entremeio, devido as diferentes realidades, dificuldades em vários setores." **Entrevistado E2**

Quando questionados sobre as motivações para a mudança do urbano para o rural, relatam que foram várias. Primeiramente, a Entrevistada E01, trabalhava com o Grupo Sopapo de Mulheres, e haviam ganhado um prêmio nacional do Ministério da Cultura (MINC), o prêmio Mídia Livre, e tinham um projeto bastante extenso de juntar a comunidade, rádio e a arte.

"daria pra fazer vários programas, formação para o grupo, formação para a comunidade, daria pra várias pessoas acessarem, principalmente no quilombo do Sopapo. Daí aconteceu o golpe de 2016, Temer assumiu, e acabou com o Ministério da Cultura, e então ocorreram as ocupações, caos...(...) Temer assume: caos político – a gente sentindo que tudo só ia piorar, Porto Alegre estava sentindo muito profundamente, porque também a parte da administração municipal assim já vinha mudando muito para um lado que não era bom pra ninguém, em termos de políticas públicas".

Entrevistada E1

Eles contam que a situação não estava boa para nenhum dos dois nesta época, vivendo em Porto Alegre, e refletiam sobre o futuro que queriam para si e para seus filhos. Ambos estavam frustrados, não só com dificuldades da zona urbana, mas também com as questões políticas.

"E nesse meio tempo, ficávamos sabendo novidades sobre Rolante, pois temos parentes aqui, e ficamos sabendo que Rolante estava se desenvolvendo com o foco em se tornar referência em Agroecologia, as câmaras técnicas traçando um plano pra 2025 – foi criada a meta do município ser referência em Agroecologia, ficamos fascinados!"

Entrevistada E1

Eles estão morando há dois anos na propriedade, no primeiro ano investiram em infraestruturas, e atualmente estão em transição agroecológica. Participaram do Programa Propriedade Sustentável, estão no grupo Jaracatiá desde seu início, e participam da feira Ecológica vendendo ervas medicinais e sabão artesanal feito de óleo de cozinha reaproveitado, entre outros produtos.

Possuem um projeto de turismo rural, e deste modo o sítio foi estruturado de forma a contemplar o caráter coletivo que buscam para com a comunidade e visitantes. Nestes espaços recebem visitantes e/ou estudantes que desejam fazer alguma vivência, pesquisa e/ou troca de experiências. Também promovem minicursos em agroflorestas, Agroecologia, bioconstrução e áreas afins.

Contam que já tinham um envolvimento com o ambiente rural, pois a família da entrevistada E01 tinha um pequeno terreno no interior em Guaíba, cidade vizinha de

Porto Alegre. Essa propriedade era da mãe da entrevistada E01, portanto muito frequentada por ela desde a adolescência, quando iam aos finais de semana e nas férias. Depois com as crianças bem pequenas, ainda houve um período que frequentaram este sítio em Guaíba antes de ser vendido. Neste momento da entrevista, quando falávamos sobre essa ligação com o campo e sobre esse retorno à zona rural, um dos filhos do casal participou da conversa dando o seguinte relato:

"Daí a gente voltou à ativa do interior! – A origem da nossa vida era o interior, não era a cidade. Só que a gente nasceu em Porto Alegre. Não sei, por que eu já era nascido, quando eu só morava em Guaíba. Eu achava que eu tinha nascido no interior. Por que minha primeira visão que eu tinha estava em Guaíba. (filho do casal entrevistado, 8 anos)

[...] Hoje, mesmo estando morando na zona rural, ainda temos uma ligação bem forte com a cidade. Mesmo sendo uma cidade pequena. O que eu acho que é diferente para a gente ter vindo, é justamente, não largar certas coisas. Como por exemplo, a escola, atividades como ballet, natação... não somos autossuficientes, gostamos de ir para a cidade, participar de eventos, de atividades culturais." **Entrevistada E1**

Importante salientar que foi neste sítio, há dois anos, que foi feito um mutirão para construção do telhado vivo do alojamento/ dormitório. Neste dia, diversos neo-rurais se encontraram e formaram uma rede a Rede La Negra, que surgiu com o objetivo de conectar diversas pessoas e propriedades com propósitos ecológicos e que estavam em busca de sustentabilidade ou simpatizavam com a ideia. Na época, percebendo que uma das dificuldades nos sítios era o afastamento e a falta de mão-de-obra, a Rede La Negra servia para realização de mutirões cuja natureza das atividades variava de acordo com as necessidades de cada sítio participante.

4.2 Principais características

Diante desta primeira aproximação é possível perceber várias características em comum que esses neo-rurais possuem. De forma geral, quando se trata das propriedades, visível na Tabela 01, nota-se que as áreas das propriedades situam-se entre 7 e 12 hectares, o que caracteriza a todos como pequenos produtores, possuindo

menos de um módulo fiscal¹⁰. Todos os sítios possuem uma parte do terreno destinada a preservação ambiental, que varia de 3 a 5 hectares, o que confirma e reforça o quanto a preocupação com a preservação ambiental está presente.

Perfil Geral das Propriedades				
	Número de moradores	Área (ha)	Área destinada a preservação (ha)	Área de cultivo agroecológico
Sítio I	2	9	4	1
Sítio II	2	12	5	1
Sítio III	4	10	5	1
Sítio IV	3	11	3	0,25
Sítio V	4	7	3	0,5

Tabela 01 – Perfil geral das Propriedades. Fonte: autora.

Esses dados corroboram com o descrito em vários trabalhos anteriores, que mostram na maioria dos casos uma intensa preocupação com a preservação ambiental, o melhoramento do ecossistema e a conservação da biodiversidade. (LEAL, 2014; KARAM, 2004; ROSEMAN, CONDE e PEREZ, 2013; PAFUNDA, 2016).

Outro ponto em comum é que todos estão em fase de transição agroecológica e fazem parte do grupo Jaracatiá, o que significa que estudam Agroecologia, estão tentando aplicar seus princípios e processos na propriedade, e não usam nenhum tipo de agrotóxicos ou adubos químicos. Atualmente, todos estão participando ativamente da feira Ecológica, exceto a Entrevistada C1 que está afastada temporariamente em razão da maternidade.

Em quase todos os sítios, foram entrevistados todos os moradores adultos, com exceção de dois sítios, onde não foi possível encontrar todos os moradores. Em relação ao perfil geral dos sujeitos entrevistados, mostrados na Tabela 02, foram entrevistadas 10 pessoas, onde a proporção homens e mulheres foi de 50%. Essa porcentagem pode estar sinalizando a importância do protagonismo das mulheres na zona rural, principalmente na transição agroecológica. Como exemplificado nos estudos de Karam

¹⁰ Módulo fiscal - é uma unidade territorial agrária, fixada por cada município brasileiro, baseada na Lei Federal nº. 6.746/79, procura refletir a área mediana dos Módulos Rurais dos imóveis rurais do município. Para Rolante, um módulo equivale a 18 hectares INCRA (2019).

(2004), as mulheres tem um papel fundamental na transição ecológica, na luta para a preservação e criação dessa nova ruralidade.

Perfil geral dos entrevistados			
Sujeitos	Sexo	Idade	Escolaridade
A01	M	55	Ens. Fund. Incompleto
A02	F	50	Ens. Médio
B01	M	30	Ens. Superior Completo
B02	M	35	Ens. Superior Incompleto
C01	F	31	Ens. Médio
D01	F	27	Ens. Superior Completo
D02	F	21	Ens. Superior Incompleto
D03	M	25	Ens. Superior Incompleto
E01	F	40	Ens. Superior Completo
E02	M	38	Ens. Superior Completo

Tabela 02 – Perfil geral dos Entrevistados. Fonte: autora.

A faixa etária dos entrevistados está entre 21 e 55, com uma média de 35,2 anos. Cabe ressaltar que foram entrevistados somente pessoas adultas, salvo um momento em que o filho de uma entrevistada entrou na conversa, seu comentário foi citado dada a relevância de sua observação, mas este não foi contabilizado como entrevistado.

Quanto a naturalidade de cada entrevistado, foi encontrado que 50% são naturais de Rolante e que 50% são de outras cidades e/ou de outros estados. Isto mostra que, de forma geral, os neo-rurais não buscam apenas sair da cidade grande, mas procurem por ambientes rurais, distantes das grandes cidades e das zonas urbanas de sua origem, levando em consideração outros critérios para escolha de local, tais como a existência de espaços abertos a nova iniciativas e que congreguem outros sujeitos com interesses afins.

Em relação ao grau de escolaridade, 40% dos entrevistados tem Ensino Superior completo; apenas um deles está cursando o final da graduação, e portanto é possível afirmar que 70% iniciaram algum curso superior. Apenas 20% parou após terminar o Ensino Médio e 10%, neste caso apenas um indivíduo, não concluiu o Ensino Fundamental. Muitos autores reforçam que os neo-rurais costumam migrar para o campo depois de muita investigação teórica, e muito trabalho de pesquisa. A maioria

das pessoas entrevistadas tem ensino superior, e mesmo os que não têm, relatam estudar bastante, o que corrobora com alguns autores que afirmam que em sua maioria essas iniciativas sempre vêm acompanhadas de muita fundamentação teórica e muitas vezes formação acadêmica (KARAM, 2004; RIBEIRO, 2013, ROSEMAN, CONDE e PEREZ, 2013).

Uma questão importante mencionada nos cinco casos estudados é a questão da preocupação com a qualidade dos alimentos. Hoje em dia trata-se de uma preocupação crescente com a segurança nutricional e segurança alimentar, com o objetivo de promover a saúde das pessoas (MALUF e MENEZES, 2000).

Nas palavras de Ratier (2002):

La preocupación sanitaria y ecológica frente a los alimentos producidos con aporte químico, hormonal y la consiguiente valorización de la agricultura orgánica o la cría natural de animales, aumentan el predicamento de esta particular "vuelta al campo", que modifica las condiciones demográficas y culturales de la campaña (RATIER, 2002. p. 27).

No trabalho de Siliprandi (2009), a autora conclui afirmando que:

Os temas da alimentação e da saúde das pessoas e do ambiente (relacionadas com as questões da preservação da biodiversidade e do ambiente limpo) se destacam em seu discurso e em suas práticas como importantes na construção desse modelo, em uma perspectiva de integração das pessoas com o meio ambiente (SILIPRANDI, 2009, p. 274).

Outra questão encontrada em comum é sobre as fontes de renda. Em nenhum dos casos a renda do sítio provém única e exclusivamente dos empreendimentos realizados na propriedade. Como nos estudos de Fleck (2011) uma característica evidenciada por ele nos neo-rurais que conheceu era a presença de renda externa. Porém, como no presente estudo trata-se de situações de neo-ruralidades e muitos destes casos são recentes, ainda em fase de adaptação e estruturação, isto é difícil de delimitar como perfil.

4.3 Vantagens e desafios da vida no campo

Quando questionados sobre as principais vantagens, desafios e dificuldades, todos eles elencaram a questão da qualidade de vida, assim como encontrado em diversos trabalhos (VARGAS, 2002; KARAM, 2004; MATTOS, 2010; PAFUNDA, 2016; PAZ, 2017). Outra grande vantagem, destacada de forma unânime é a autonomia, e liberdade (VARGAS, 2002; PAFUNDA, 2016). Na maioria dos casos mencionaram a satisfação pessoal, em trabalhar em coisas que gostam, e a não sujeição a qualquer proposta de trabalho para sobreviver que existiria nas zonas urbanas.

“As vantagens são inúmeras de estar vivendo aqui desde a água, o ar os alimentos, tu poder dar uma corridinha na rua colher e sair cheio de abacates, bananas, bergamotas, mamão.” **Entrevistado D3**

“A cidade [Rolante] é organizada, não tem violência, tu vai num posto de saúde e consegue consultar. Claro, tem algumas coisas bem diferentes, costumes, as coisas fecham cedo no sábado, é bem mais tranquilo (...) Acho que aqui, eu tenho me reinventado, isso, pra mim. Quando eu sai de lá, que teve essa morte, um fim de um modo de vida para um novo modo de vida, eu também comecei a me inventar de outra forma (...) Quando eu vim pra cá eu caía muito. Caía, levava tombo, por que eu não estava acostumada a caminhar nas pedras, no barro, na pirambeira, na grama. Eu não sabia como caminhar... meus calçados, minhas roupas, tudo mudou.”

Entrevistada E1

Alguns mencionaram como dificuldade a questão de trabalhar com a agricultura, e estar sujeito a fatores externos, como clima, doenças e pragas nas plantações. Uma entrevistada pontuou a questão de viver mais isolada, distante das outras pessoas. Um entrevistado, em especial, trouxe como desafio abrir mão do salário que recebia na cidade, de ter uma renda fixa mensal, aprender a viver com menos, mudar alguns padrões e valores, mas afirma que vale a pena, e percebeu que muitas das coisas que via como dificuldades limitantes tornam-se desafios a serem encarados, diante da grande satisfação que obteve trabalhando em algo que realmente gosta.

“(...) aqui me sinto muito acolhida (...) tenho voz, e respeito (...) é muito massa que as dificuldades e as vantagens vão se entrelaçando também”

Entrevistada D1

Muitos relataram a criação de novas formas de viver em sociedade, de interagir e novas formas de educação. Assim é possível perceber que está ocorrendo sim o surgimento de novas ruralidades, e os próprios sujeitos, muitas vezes, estão cientes do que estão construindo, como Brandenburg (2010), diria: a construção de um "rural ecologizado", com novos estilos de vida, opostos aos padrões da massa.

Também mencionaram a importância do trabalho, de compartilhar com o mundo o seu trabalho, de fazer parte da construção de processos coletivos. Ratier (2002), explana sobre as novas ruralidades tendo o "*campo como sede de movimentos solidários que podem ensinar aos cidadãos*" (RATIER, 2002 p. 27, tradução feita pela autora).

A seguir alguns recortes de relatos sobre as vantagens de viver no campo:

"simplesmente de estar aqui e ouvir o passarinho, ouvir o bugio, ouvir o grilo, ir ali no rio, ver a borboleta, você vê que é uma quantidade absurda de vida que está ao seu redor assim, que eu nunca tinha tido, vivido isso antes ter essa conexão, por que na cidade tudo é cercado de concreto por todos os lados [...]" **Entrevistada D1**

"observar os bugios, escutar os bugios, poder descer e tomar um banho de rio, todos os dias no verão. Estar visualmente em contato com a Lua, com o Sol, ou com a ausência do Sol. Isso é muito diferente de estar numa cidade onde ela é vertical, tu vê nesgas, ainda que a gente fosse a parques, e saísse, mas no cotidiano isso é muito diferente pra mim. E isso sem dúvidas é uma vantagem. Vim pra cá buscando isso! [...] A noção de distância que eu tenho é completamente diferente, porque ainda que eu tivesse uma vida de sítio eu vivi a maior parte da minha vida em apartamento. Eu tenho que fazer um exercício de sair de dentro do apartamento, constante. (Vantagem) [...] também tem essa coisa das ervas medicinais, que pra mim sempre foi um sonho, antigo de estar cultivando as ervas, aprendendo a cultivar.[...]Então, vantagens: Tudo! água, Lua, chuva, Sol, verde, bugio, pé na terra, cachoeira, silêncio". **Entrevistada E1**

Cabe ressaltar que na maioria dos casos, estes sujeitos apresentam em comum a valorização do meio rural, a preservação e conservação ambiental, (CARVALHO, 2006; FERNANDES, 2011), e, muitas vezes também, entre as ideologias envolvidas, estão questões de cunho espiritual. Estes aspectos, no estudo de Roseman, Conde e Perez (2013), esclarecem como a multiplicidade dos agentes protagonistas dessas novas ruralidades tem mudado a imagem do rural.

4.4 A busca pelos Conhecimentos e Saberes

Um dos entrevistados relatou que no início do grupo Jaracatiá, quando os produtores começaram a se reunir para fazer a feira Ecológica e aprender sobre Agroecologia, foi feito um curso de formação em agricultura ecológica, e somente seguiram participando do grupo aqueles que tinham interesse na criação de sistemas agroecológicos. A partir dali, ele começou a buscar mais conhecimentos a respeito, percebeu que muitas das práticas ele já fazia instintiva ou intuitivamente, como por exemplo uma barreira de plantas que tem ao redor da propriedade e que serve, principalmente, como quebra vento.

Muitos relataram que pesquisam e busca por muitas informações na internet, com extensionistas da EMATER/RS e com o pessoal do IFRS - Rolante. Através destas fontes e de diálogos entre produtores, se obtém informações que servem para fundamentar ou revisar suas práticas agroecológicas, sempre considerando as especificidades de cada local. No geral, procuram melhorar a qualidade o solo, através de cobertura morta, adubação verde, consorciamento de plantas e fazer misturas e caldas para aumentar a quantidade de microrganismos no solo.

"A agroecologia tu não consegue explicar em meia hora. A agroecologia o prof. Laércio [Meirelles] não conseguiu explicar tudo em 4 dias – agroecologia não é um....equilíbrio no teu ambiente -- tu usar de tecnologia para equilibrar o meio ambiente, mesmo que não é pra produção. Não existe um nome de produção agroecologia, existe o sistema o que tu emprega no teu sítio aqui, tudo em conjunto forma a agroecologia, é o conjunto, e esse conjunto... é difícil explicar...no início eu não sabia nada, agora eu vejo, eu procuro e assisto vídeos – não existe um produto agroecológico, existe um sistema, um processo, agricultura limpa, biodinâmica isso tudo, são práticas que tu vai fazendo pra chegar na agroecologia um dia. A partir de que a pessoa entenda o meio ambiente como um todo aí tu começa a trabalhar a agroecologia. (...)Eu comecei a estudar a agroecologia foi de um ano pra cá. Uma coisa que eu to errando bastante é a combinação do que plantar junto, plantas companheiras, isso ainda to errando muito, mas muita coisa é pesquisar e testar. Outra coisa que eu comecei a deixar mais e a mudar é deixar "sujo", não roçar, esperar crescer mais, pra roçar e usar essa biomassa. Pra incorporar na terra".

Entrevistado A1

"Muitas leituras, Ana Primavesi, estudo de solos, livros do Sebastião Pinheiro, cursos de agrofloresta, Permacultura, Também aprendemos muito conversando com os vizinhos, com parceiros de outros sítios. Trocando ideias com os outros agricultores. Temos lido sobre Biodinâmica.

Recentemente fomos num evento do MST – aprendemos muito, várias dicas de biodinâmica – Com o povo Guarani também, muitas trocas de sementes e conhecimentos, alguns amigos agrônomos – ler trocar e conversar com outras pessoas.” **Entrevistada D1**

Em diversos trabalhos realizados no Brasil sobre os neo-rurais, é recorrente a ênfase de que a maioria dos agentes migra para o campo já com algum embasamento teórico e científico, o que permite uma forma de interação mais ecológica e sustentável. Contudo muitas vezes parte destes conhecimentos são decorrentes do resgate de valores e práticas de antigos povos tradicionais (KARAM, 2004; ROSEMAN, CONDE e PEREZ, 20013). A própria agroecologia é uma ciência que busca essas conexões, “*valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores*”, e muito desse conhecimento só é possível que seja adquirido com a prática (GLIESSMAN, 2008, p. 56).

“(...) nós praticamente desconhecíamos o ambiente rural, nós tínhamos acesso apenas a relatos de experiência, e livros e conhecimento sistematizado. Então quando viemos pra cá, na verdade pra nós, por outros eu não sei, pra nós facilita esses conhecimentos sistematizados, pela autonomia que eles nos dão né? Que a gente pode lendo e estudando, ter algumas noções pra saber por onde começar. Mas depois pra continuar é claro que a gente precisa ter os conhecimentos locais. Por exemplo, muitas pessoas que chegaram aqui disseram que o sítio era perfeito pra plantar feijão (...) e até agora foi o que mais deu certo aqui. (...)” **Entrevistada E1**

Em estudos relacionados à Permacultura e a Agroecologia, é dada grande ênfase à necessidade de se conhecer o local, ao entendimento de que cada ecossistema é único, para que, a partir do conhecimento do local, possa-se traçar o melhor planejamento para as ações que se pretende. Desta forma, é possível perceber que além dos conhecimentos trazidos pelos neo-rurais, os ambientes e territórios em que estes escolhem inserir-se também são fontes de novos e específicos aprendizados (MOLLISON, 1998).

Além disso é importante compreender que não se trata unicamente da aplicação de técnicas específicas para obtenção de resultados específicos. Nas palavras de Furtado *et al*, (2018):

Para além da mudança de manejo dos agroecossistemas, entendemos a transição agroecológica como uma mudança de relações entre a sociedade e o ambiente, regida pelos princípios da agroecologia que contemplam as esferas sociais, econômicas, políticas e ambientais (FURTADO *et al*, 2018, p. 09).

Todos os entrevistados no presente estudo, demonstraram ter um nível de conscientização e comprometimento ambiental bastante profundo, assim como também foi possível observar no trabalho de Vargas (2002). Em seu estudo a autora relata que todos os neo-rurais pesquisados seguiam um “modelo de desenvolvimento agroecológico”, termo este, que para a autora, trata-se de uma nova proposta originária na América Latina e que está em crescimento (VARGAS, 2002, p. 9).

De forma geral é possível afirmar que existe uma crescente preocupação relacionada à preservação e conservação dos recursos naturais, e a busca por alternativas mais ecológicas e sustentáveis. Questões ecológicas de grande relevância, muitas vezes associadas ao meio rural tem sido destaque em vários trabalhos (BRUMER, 2003; VARGAS, 2002).

Portanto, a busca por melhor qualidade de vida, acaba por desencadear outras, como por exemplo a busca por alternativas cada vez mais ecológicas que colaborem para a manutenção da vida, e conservação dos recursos naturais (BRANDEMBURG *et al*, 2004). Dada a revalorização das regiões rurais como espaços de moradia, lazer e trabalho, é importante a adoção de novas práticas que combinem cultivo com a preservação da biodiversidade (PAFUNDA, 2006).

4.5 Sobre as relações sociais e a construção de um novo rural

Como trata-se de um tema ainda recente no Brasil, são difíceis as conceituações a respeito. Ratier (2002), sugere que os neo-rurais propriamente ditos são aqueles que migram das zonas urbanas para o campo, dispostos a “empreenderem atividades agrícolas inovadoras”, “embasados em uma filosofia revitalizadora da natureza” (RATIER, 2002, p. 27) e que desta forma estão criando novas ruralidades.

Brandenburg *et al* (2004), define como novos atores aqueles que buscam a criação de novas formas de relacionar-se, tanto socialmente como com o ambiente, “contrapondo-se, desta forma, a formatos hegemônicos de produção e organização”

(BRANDEMBURG *et al*, 2004, p. 123). Dessa forma suas práticas devem ser orientadas visando a preservação dos recursos naturais, e diminuindo assim as pressões antrópicas.

Nesse ínterim, emerge um dado crucial que permeia toda a presente investigação: a importância das relações pessoais no âmbito da organização social, e a criação de processos em conjunto. Além disso, todos os grupos e coletivos criados pelos neo-rurais no presente estudo, tem como viés principal a preservação e a criação de sistemas sustentáveis. Silva (2001), destaca:

O enfoque do desenvolvimento local pressupõe que haja um mínimo de organização social para que os diferentes sujeitos sociais possam ser os reais protagonistas dos processos de transformação de seus lugares (SILVA, 2001, p. 46).

De acordo com Karam, 2004, o surgimento de novas ruralidades está fortemente interligado com o desenvolvimento de algum nível de organização (KARAM, 2004, p. 316). Talvez se aproxime da visão de Carneiro (2008), quando sugere que o surgimento dessas novas ruralidades está mudando não só a paisagem como também o ambiente social e cultural. A autora ainda questiona sobre:

[...] o papel dos neo-rurais no estímulo à sociabilidade e à criação de laços de solidariedade, através da implementação de projetos coletivos, criação de associações e grupos diversos (CARNEIRO, 2008, p. 33).

Pafunda (2016), quando discorre sobre a importância de fatores de ordem social e cultural na transformação do espaço rural, aponta a formação de cooperativas como uma das principais transformações observadas em sua pesquisa. A autora lembra que a cooperação constitui um importante fator de defesa necessária "para que as comunidades camponesas se apropriem da riqueza desviada pelos impérios agroalimentares" (PAFUNDA, 2016, p. 119).

Logo uma das características mais fortes destes neo-rurais observada na presente pesquisa, é a capacidade da formação desses coletivos e redes, contribuindo de forma efetiva para as mudanças que ambicionam. O que se aproximaria, nas palavras de Vargas (2002), aos "arranjos sociais inovadores", que atribuem à expressão neo-rural um "caráter emancipatório [...] aportando com seu capital intelectual na buscas de soluções inovadoras para o território" (VARGAS, 2002, p. 100).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que o movimento neo-rural observado no município de Rolante conta com uma grande diversidade de agentes, cada um com distintas características, e que eles estão moldando o território rural da região. Também se pode afirmar que, apesar de possuírem suas particularidades, ao que parece, esses sujeitos convergem para pontos em comum. Um dos mais fortes que pode ser observado está pautado na valorização não apenas do rural como um ambiente bucólico, mas também do cuidado com os recursos naturais e a responsabilidade ecológica. Isto talvez se faça notar pelo resultado dos processos de sensibilização que estes sujeitos estiveram e/ou estão inseridos.

Diversos autores que pesquisam essa temática tem apontado para o fato de que esses sujeitos costumam trazer um novo olhar sobre o rural e sobre a Natureza, promovendo muitas vezes a revitalização dos ambientes, recuperação de áreas degradadas e a conservação da biodiversidade (MATTOS, 2010; VARGAS 2002; PAFUNDA, 2016; KARAM, 2004).

Além disso, nas palavras de Pafunda (2016), essas novas experiências “além de representarem um enfrentamento ao modelo dominante” de desenvolvimento, “representam a liberdade – a liberdade desses grupos em decidir o que, o quanto e como produzir” (PAFUNDA, 2016, p 120).

Desta forma pode-se perceber o espaço rural, conforme sinaliza Carneiro, (2008), como sendo um cenário de transformação cultural e ambiental, que além de permitir um reencontro do homem com a Natureza, favorece a harmonia entre o social, o econômico e comunitário, a partir da incorporação de novos valores, hábitos e técnicas.

Tem-se ciência de que o presente trabalho trata-se de um breve relato, uma primeira aproximação com essas novas ruralidades e que ainda existem muitas lacunas e aspectos a serem investigados. Novas pesquisas necessitam ser realizadas nesta área, a busca por um reconhecimento dessas novas realidades a fim de aprimorar os serviços e buscar políticas públicas que contemplem a multiplicidade dos sujeitos do mundo rural nas sociedades contemporâneas. Evidente também, a necessidade de buscar uma maior visibilidade aos sujeitos, à mulher como sujeito ativo na

transformação de valores e métodos, na organização e na transição para a agricultura ecológica, e às alternativas já existentes de desenvolvimento do ambiente rural de forma mais harmônica e ecológica, promovendo a sustentabilidade.

É possível notar que está ocorrendo uma mudança significativa, não apenas no que tange as questões migratórias, mas também nas dimensões da sustentabilidade e das práticas agroecológicas nos locais em que estes sujeitos decidem atuar. De acordo com Leal (2014), o povoamento neo-rural centraliza o debate sobre a função social do urbanismo e do planejamento, e tem papel importante na busca por respostas para os grandes desafios da sustentabilidade. Por isso é essencial o fortalecimento das conexões e cooperação entre os atores envolvidos, a comunidade local, a administração territorial e as instituições de estudos acadêmicos.

Cabe lembrar, como diria Ratier (2002), que existe uma mescla entre o campo e a cidade. Não estão separados e não são imutáveis, pelo contrário, tudo está em constante movimento e ambos se permeiam. Dessa forma, sempre veremos urbanidades no ambiente rural e ruralidades no ambiente urbano.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D.L.; AZEVEDO, M.S.F.R.; CARDOSO, M.O.; DE-POLLI, H.; GUERRA, J.G.M.; MEDEIROS, C.A.B.; NEVES, M.C.P.; NUNES, M.U.C.; RODRIGUES, H.R.; SAMINEZ, T.C.O.; VIEIRA, R.C.M.; Agricultura Orgânica: Instrumento para a Sustentabilidade dos Sistemas de Produção e Valoração de Produtos Agropecuários. Seropédica: **Embrapa Agrobiologia**, (Embrapa Agrobiologia. Documentos, 122, 22p.) dez. 2000.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3 ed. rev. Ampl. – São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA 2012.
- ALVES, E.; MARRA, R. A persistente migração rural-urbana. **Revista de Política Agrícola**. Brasília, DF. Ano XVIII – Nº 4 – Out. Nov. Dez. 2009.
- BLUME, Roni. Território e Ruralidade: A desmistificação do fim do rural. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Rural) (FCE). Porto Alegre, 2004.
- BRANDEMBURG, Alfio. **Do Rural Tradicional ao Rural Socioambiental**. Ambiente & Sociedade, Campinas v. XIII, n. 2 p. 443-454. jul.-dez. 2010.
- BRANDEMBURG, Alfio; FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno; SANTOS, Leonardo José Cordeiro. Dimensões socioambientais do rural contemporâneo. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Editora UFPR n. 10, p. 119-125, jul./dez. 2004.
- BRASIL. Constituição Federal. Brasília, 1988 Disponível em: <<https://www.senado.leg.br/atividade/const/constituicao-federal.asp>> Acesso em: Out. 2018.
- BRASIL. Lei Federal nº 6.746, de 10 de dezembro de 1979. Brasília, 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6746.htm> Acesso em: Abr. 2019.
- BRUMER, Anita. Os Rumos do rural na América Latina no início do século, num cenário de grandes transformações sociais, econômicas e políticas. **Sociologias** Porto Alegre, ano 5, nº 10, jul/dez 2003 – (p 14 – 25);
- CARNEIRO, M. J. “Rural” como categoria de pensamento. **Ruris**, volume 2, número 1, março de 2008;
- CARVALHO, Paulo; Residência secundária, patrimonialização e construção de novas ruralidades. Universidade Internacional da Andaluzia/Associação Espanhola de Economia Agrária e Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, **Huelva**, (pp. 467-499).2006; Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/300581093_Residencia_secundaria_patrimonializacao_e_construcao_de_novas_ruralidades> Acesso em: Out. 2018.

COELHO-DE-SOUZA, Gabriela. (org) Transformações no espaço rural. UAB/UFRGS- **Planejamento e gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/UFRGS.** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

CONTI, D. T. Estudo dos fatores de influência na migração rural/urbana no município de Horizontina. (Ciências Econômicas). **Trabalho de Conclusão de Curso**, FAHOR – Faculdade de Horizontina. Horizontina, RS, 2012.

FERNANDES, Ana Côrte-Real de Matos. Do discurso ao projecto urbano de reinvenção da ruralidade. **Tese.** Doutorado em Geografia, Planeamento do território e Gestão Ambiental. Universidade de Barcelona, 2011.

FLECK, Everson, Elenilton. Potencialidades e Limitações do estabelecimento de Agroflorestas na Área de Proteção Ambiental Rota do Sol, Rio Grande do Sul. 89p **Trabalho de Conclusão de Curso.** Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural., UFRGS, 2011.. São Francisco de Paula.

FISCHBORN, Graziela Schneider. As potencialidades da pluriatividade no meio rural do município de Rolante-RS. **Trabalho de conclusão de Curso.** Bacharel em Desenvolvimento Rural. Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Porto Alegre-RS, 2017.

FURTADO, Rafael Caselli; VERAS, Liege Camila Pistore; FILHO, Gerson Felipe Costa; VUOLO, Ísis Martins; OLIVEIRA, José Eduardo de; CARUZO, Juliana; VIEIRA, Lucas Guedes; MANHOLER, Pedro. Neo-rurais em transição agroecológica: a experiência do Coletivo Ariramba (Espírito Santo do Pinhal - SP) Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – **Anais do VI CLAA**, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018. Disponível em < <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/360/1322>> Acesso em: Mai. 2019.

GAUCHA ZH, Campo e lavoura - Neorurais no RS: jovens têm optado por trabalhar e morar no campo - **Interior vem atraindo pessoas que buscam novas alternativas de trabalho e contato com a natureza. 24/12/2016.** Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/campo-e-lavoura/noticia/2016/12/neorurais-no-rs-jovens-tem-optado-por-trabalhar-e-morar-no-campo-8875985.html>> Acesso em: Mai. 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs) **Métodos de Pesquisa.** UAB/UFRGS PLAGEDER, SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>> Acesso em: Ago. 2018.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia:** processos ecológicos em agricultura sustentável. 4. Ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

GIULIANI, Gian Mario. **Neoruralismo**: um novo estilo dos velhos modelos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 14, ano 5, 1990.

HOLMGREN, D. **Permacultura**: princípios e caminhos além da sustentabilidade. Tradução Luzia Araújo – Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

IBGE. Perfil de Cidades e Estados: Rolante/RS. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/rolante.html>?> Acesso em: 22/05/2019.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em <<http://www.incra.gov.br/tabela-modulo-fiscal>> Acesso em: Mai. 2019.

KARAM, K. F. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, janeiro/abril/ 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21704.pdf>> Acesso em: Mar. 2018.

KAWAKAMI, A.Y & RIBAS, C.E.D.C. Projeto de desenvolvimento sustentável - PDS e Novas formas de Assentamentos - Uma sistematização do caso do Assentamento Professor Luiz David de Macedo, Apiaí/ São Paulo. Revista **Cadernos de Agroecologia**, V. 8, N. 1, 2013.

KINZEL, Eunice. Motivação e atuação dos jovens no turismo rural: Uma análise do Roteiro Caminho das Pipas, Boa Esperança, Rolante, Rio Grande do Sul. **Trabalho de conclusão de Curso**. PLAGEDER, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Santo Antônio da Patrulha, 65p. RS, 2013. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87393>> Acesso em: Out. 2018.

LEAL, D. M. S. **O povoamento neo-rural em Portugal Continental**: riscos e oportunidades para o planeamento do espaço rural. IFI Técnico Lisboa. **Dissertação** de mestrado. Lisboa, Portugal, 2014.

LIMA JR., Jayme Benvenuto (Coord. e Org.). **Relatório Brasileiro sobre Direitos Humanos, Econômicos, Sociais e Culturais**. Plataforma Brasileira de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais/Projetos Relatores Nacionais em Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais, 2003. Disponível em < http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_dhescas_br/relatores_plataforma_dhescas_br_2003.pdf> Acesso em: Jul. 2018.

MALUF, Renato S. J.; MENEZES, F. (2000): **Caderno "Segurança Alimentar"**. Disponível em:< http://www.forumsocialmundial.org.br/download/tconferencias_Maluf_Menezes_2000_por.pdf> Acesso em Ago. 2018.

MARTINS, M. F.& CÂNDIDO, G. A. Modelo de avaliação do nível de sustentabilidade urbana: proposta para as cidades brasileiras. Urbe. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, set./dez., 7(3), 397-410 Campina Grande, PB, Brasil, 2015.

MATTOS, Rafael Arosa de. **População neo-rural e agricultura orgânica: mudanças no meio rural da região perimetropolitana do Rio de Janeiro.** Anais XVI, Encontro Nacional dos Geógrafos ISBN 978-85-99907-02-3. ENG. Porto Alegre - RS, 2010.

MEIRELES, Laercio Ramos. **Vozes da agricultura ecológica.** Torres, RS: Centro Ecológico, 2018.

MOLLISON, Bill. **Introdução à Permacultura.** Tradução de André Luis Jaeger Soares. (Tradução de: Introduction to Permaculture, c 1991) Brasília: MA/SDR/PNFC, 1998.

MÓNICO, Lisete, S.; ALFERES, Valentim, R.; CASTRO, Paulo, A.; PARREIRA, Pedro, M. **A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa.** Investigação Qualitativa em Ciências Sociais//Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales//Volume 3, Atas CIAIQ, 2017. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447>> Acesso em: Abr. 2018.

NANDI, Aline. As (In)visibilidades das mulheres no meio rural contemporâneo: o caso das agricultoras familiares de Rolante (RS). XII Encontro Estadual de História ANPUH RS. **Anais.** Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISSINOS, São Leopoldo,RS, 2014. Disponível em: <http://www.eeh2014.anpuhrs.org.br/resources/anais/30/1405477867_ARQUIVO_AlineNandiArtigoAnpuhCongressoRS2014.pdf> Acesso em: Out. 2018.

OS NOVOS Rurais: uma experiência de migração da metrópole para o campo - Edilson Cazeloto. Produzido por: TEDxAEDB TEDx Talks. Publicado em 6 de mai de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KBuaXI85qUI>> Acesso em: Out. 2018.

PAFUNDA, R. A. As novas ruralidades no debate paradigmático: Estudo de caso sobre os neo-rurais de Juquitiba, São Paulo. **Dissertação.** Mestrado em Geografia. Universidade Estadual Paulista, 2016.

PALMEIRA, M. Modernização, Estado e questão agrária. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 7, p. 87-108, 1 dez. 1989.

PAZ, Sheila Peirot. Neo-rurais agroecológicos e desenvolvimento rural sustentável em Santo Antônio da Patrulha/RS. 52 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharel Desenvolvimento Rural) UFRGS, Porto Alegre, 2017.

RATIER, Hugo E. Rural, ruralidad, nueva ruralidad y contraurbanización. Un estado de la cuestión. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n.31, p.09-29, abril de 2002.

REIS, ELIAS MOURA. Análisis, desde la Perspectiva Agroecológica, de los Cambios Generados por un Proyecto de Desarrollo Rural en Agricultura Familiar: El Caso dei

Proyecto Gavião, Bahia - Brasil. **Tese de Doutorado**. UNIVERSIDAD DE CÓRDOBA, ESPANA, MAYO DE 2005.

REVISTA ISTOÉ. **A busca da utopia**, Revista Istoé. Nº 2528 - 31/05/2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/a-busca-da-utopia/>> Acesso em: Out. 2018.

RIBEIRO, P. J. M. Êxodo Urbano, Gentrificação Rural e o Futuro da Paisagem. Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa. **Dissertação**. Mestrado em Arquitetura Paisagística, Lisboa, 2013.

RIBEMBOIM, J. & MOREIRA, F. G. L. **O fenômeno da "chegada urbana" em contraponto ao do "êxodo rural"**. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu- MG, Brasil. 2008. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12939892/o-fenomeno-da-chegada-urbana-em-contraponto-ao-do-exodo-rural>> Acesso em: Jun. 2018.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul- Vale do Paranhana: Rolante. Disponível em: <<https://www.turismo.rs.gov.br/cidade/266/rolante#sobre>> Acesso em: 20/05/2019.

ROLANTE, Prefeitura Municipal. Disponível em: <<http://www.rolante.rs.gov.br/prefeitura/municipio>> Acesso em: Out. 2018.

ROSEMAN, S. R.; CONDE, S. P.; PÉREZ, X. P. Antropología y Nuevas Ruralidades. **Gazeta de Antropología**, 29 (2), artículo 01, 2013.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 291p. **Tese**. Doutorado em Desenvolvimento Sustentável, Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília-DF, 2009.

SILVA, Solange, Teles. Políticas Públicas e Estratégias de Sustentabilidade. Série Grandes Eventos. **Meio Ambiente**. Manaus, 2003.

SILVA, José Graziano da. O Novo Rural Brasileiro. Revista **Nova economia**, Belo horizonte. 7(1):43-81 (maio de 1997).

SILVA, José Graziano, Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estudos Avançados** (p. 37 – 50) - 15 (43), 2001.

STOP! rodando el cambio. Un documental realista sobre las opciones de las ecoaldeas. Uma produção de La semilla producciones – CC Creative Commons Canal La Semilla Audiovisuales Publicado em 30 de mai de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hGqpf3RX0Ik>> Acesso em: Set. 2018.

TERRA dos Sonhos - novos rurais | 420doc#19 - 420Doc. Produzido por Documentários à Esquerda. Publicado em 14 de jan de 2014 (23:23 mim) Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-Hg1rOM4-fw> > Acesso em: Abr. 2019.

VARGAS, Yara Tarragó. Os neo-rurais: capital humano estratégico de mudanças. **Dissertação**. Mestrado em Administração Pública. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/16956>> Acesso em: Jan. 2019.

VEIGA, José Eli. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Estudos Avançados** 18 (51)(51-67), 2004.

WANDERLEY, M. N. B.; FAVARETO, A. A singularidade do rural brasileiro – implicações para as tipologias territoriais e a elaboração de políticas públicas. In: MIRANDA, C.; SILVA, E. (Orgs.). **Concepções da ruralidade contemporânea – as singularidades brasileiras**. Série Desenvolvimento Rural Sustentável n. 21. Brasília: IICA, 2014.

APÊNDICE 01

Mapa de localização do Município de Rolante/RS, mostrando a localização dos sítios visitados.

